UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE GEOGRAFIA, DESENVOLVIMENTO E MEIO AMBIENTE
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

LARISSA LIRA ROCHA

A CIDADANIA NAS AULAS DE GEOGRAFIA: REFLEXÕES SOBRE RACISMO E PRECONCEITO

Maceió, Alagoas
2025

LARISSA LIRA ROCHA

A CIDADANIA NAS AULAS DE GEOGRAFIA: REFLEXÕES SOBRE RACISMO E PRECONCEITO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Geografia da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Geografia.

Orientador: Profa. Dra. Maria Francineila Pinheiro dos Santos.

Maceió, Alagoas

2025

Catalogação na Fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico
Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

R672c Rocha, Larissa Lira.
A cidadania nas aulas de geografia : reflexões sobre racismo e preconceito / Larissa Lira Rocha. – 2025.
74 f. : il. : color.

Orientadora: Maria Francineila Pinheiro dos Santos.
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Geografia: Licenciatura) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Geografia, Desenvolvimento e Meio Ambiente. Maceió, AL, 2025.

Bibliografia: f. 70-71.
Apêndices: f. 73-74.

1. Cidadania. 2. Geografia - Estudo e ensino. 3. Antirracismo. I. Título.

CDU: 372.891.1:323.14

Folha de Aprovação

LARISSA LIRA ROCHA

A Cidadania nas aulas de Geografia: Reflexões sobre o Racismo e Preconceito

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à banca examinadora do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Alagoas aprovado em 15 de maio de 2025.

gov.br Documento assinado digitalmente
MARIA FRANCINEILA PINHEIRO DOS SANTOS
Data: 20/05/2025 19:02:38-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

_____

Orientador(a) – Profª. Dra. Maria Francineila Pinheiro dos Santos (UFAL)

Banca examinadora:

gov.br Documento assinado digitalmente
AVELAR ARAUJO SANTOS JUNIOR
Data: 21/05/2025 11:59:10-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

_____

Prof. Dr. Avelar Araujo Santos Junior (UFAL)

gov.br Documento assinado digitalmente
LIVIA DANIELLE RODRIGUES DO NASCIMENTO
Data: 20/05/2025 19:20:44-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

_____

Profª. Ma. Lívia Danielle Rodrigues do Nascimento

Dedico este trabalho a Deus, aos meus pais, por todo o apoio, e a mim mesma, por não desistir dos meus sonhos.

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo investigar a importância da prática ativa da cidadania, tendo em vista que muitas vezes a mesma é exercida de forma fragmentada, principalmente para a população marginalizada, como a população negra do Brasil. Sendo assim, a pesquisa foi desenvolvida no contexto das aulas de Geografia com os estudantes do 1º ano do ensino médio, promovendo reflexões sobre racismo e preconceito. Para a sua realização foi usada uma abordagem qualitativa, com levantamento bibliográfico, análise do livro didático da coleção Ser Protagonista, aplicação de questionários e realização de atividades reflexivas. Os resultados mostraram que, embora os estudantes ainda necessitem de mais intervenções acerca do assunto, conseguiram demonstrar compreensão da importância da discussão, o que reforça a eficácia das ações pedagógicas voltadas para a promoção da cidadania e de uma educação a qual esteja alinhada com o enfretamento do racismo.

Palavras-chave: Cidadania; Ensino de Geografia; Antirracismo.

ABSTRACT

This study aimed to investigate the importance of active citizenship, given that it is often exercised in a fragmented manner, especially for marginalized populations, such as the black population in Brazil. Therefore, the research was developed in the context of Geography classes with first-year high school students, promoting reflections on racism and prejudice. A qualitative approach was used to conduct the study, including a bibliographic survey, analysis of the *Ser Protagonista* collection textbook, application of questionnaires, and implementation of reflective activities. The results showed that, although the students still need more interventions on the subject, they were able to demonstrate an understanding of the importance of the discussion, which reinforces the effectiveness of pedagogical actions aimed at promoting citizenship and an education that is aligned with confronting racism.

Keywords: Citizenship; Geography Teaching; Anti-Racism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 − Aplicação da atividade e questionário.....…. 45
Figura 2 − Estudantes respondendo a atividade e questionário..... 46
Figura 3 − Existe racismo no Brasil?..... 48

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 − Resposta dos estudantes se já presenciaram ou sofreu racismo estrutural 53
Gráfico 2 − Opinião dos estudantes sobre as atividades 65

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 − A competência Geral 6 exposta no material analisado ...……. 33
Quadro 2 − A competência Específica 6 presente no material analisado ..……... 34
Quadro 3 − As Habilidades evidenciadas no material analisado ..……..…….... 35
Quadro 4 − Textos, Atividades e Práticas de Pesquisa que abordam discussões de cidadania ..……..……...……..……...……..……..... 41
Quadro 5 − Plano de Aula 1 ..……..……...……..……...……..…... 44
Quadro 6 − Plano de Aula 2 ..……..……...……..……...……..…... 45
Quadro 7 − Respostas dos estudantes sobre a interpretação da palavra “carne” na música ..……..……...……..……...……..…....…… 48
Quadro 8 − O segundo e o terceiro verso do texto pode ser associados à escravidão moderna no Brasil. Como você os relacionaria a esse período histórico? ..……..……...……..……...……..…....…… 49
Quadro 9 − De acordo com as suas percepções, a letra da música contradiz ou concorda com a teoria da democracia racial de Gilberto Freyre? Por quê? ..……..……...……..……...……..…....…….. 50
Quadro 10 − Em sua opinião, o que é racismo? Como é possível caracterizá-lo? E como podemos combatê-lo? ..……..……...……..……..... 51
Quadro 11 − O que você entende por racismo estrutural? ..……..……...…… 52
Quadro 12 − A música "A carne" retrata uma realidade sobre a população negra no Brasil. Quais aspectos dessa realidade você percebe atualmente? ..… 54
Quadro 13 − Você acha que o racismo pode afetar as oportunidades e a qualidade de vida das pessoas negras? Se sim, de que forma? ..……..……... 55
Quadro 14 − Como a mídia pode influenciar na perpetuação ou no combate ao racismo na sociedade? Dê exemplos ..……..……...……..… 56
Quadro 15 − A atividade “Existe racismo no Brasil?” ajudou você a compreender o racismo? De que forma? ..……..……...……..……...……..…....……..... 57
Quadro 16 − Com base nas discussões realizadas em sala de aula, na sua perspectiva, o que significa “ser barrado no baile”? ..……..……... 58
Quadro 17 − Você já foi excluído de algum lugar devido a sua aparência ou origem? ..……..……...……..……...……..…....…… 59
Quadro 18 − Na sua opinião, como os crimes de preconceito racial, discriminação racial e racismo podem impactar a vida das pessoas negras? ..…….. 60
Quadro 19 − O que podemos fazer para combater os crimes raciais discutidos em sala de aula na nossa comunidade e no ambiente escolar? ..……..… 61
Quadro 20 − Na sua opinião, o que você compreende por preconceito racial? Por discriminação racial? E racismo? Dê exemplos para cada um ..…… 62
Quadro 21 − A música "Barrados no Baile" relata uma experiência de exclusão. Você já presenciou ou ouviu falar de situações semelhantes? Como isso pode impactar a vítima? ..……..……...……..……..... 63
Quadro 22 − Você acha que leis e políticas públicas são suficientes para combater o racismo? Por quê? ..……..……...……..……...……..…. 64
Quadro 23 − Você gostou das atividades intituladas de “Existe Racismo no Brasil?” e “Barrados no Baile: se você cala, quem fala”? Por quê? ..……..……...……..……..... 65
Quadro 24 − A atividade da música “Barrados no Baile” ajudou você a compreender o preconceito racial? De que forma? ..……..……... 67

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CHSA	Ciências Humanas e Sociais Aplicadas
LE	Livro do Estudante
MP	Manual do Professor
MDP	Material do Professor Digital
PNLD	Programa Nacional do Livro e do Material Didático

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 14
2. METODOLOGIA 16
3. A CIDADANIA COMO PRÁTICA TRANSFORMADORA 17
4. A TEMÁTICA CIDADANIA NA COLEÇÃO DIDÁTICA DA ÁREA DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS 25
5. ABORDANDO O RACISMO E O PRECONCEITO VISANDO A FORMAÇÃO CIDADÃ NAS AULAS DE GEOGRAFIA 43
   5.1 Evidenciando o Racismo e o Preconceito nas Aulas de Geografia 43
   5.2 A opinião dos estudantes do 1º ano do Ensino Médio frente ao Racismo e ao Preconceito 47
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS 69
7. REFERÊNCIAS 70
8. APÊNDICES 72

1. INTRODUÇÃO

Promover a cidadania na sala de aula é um desafio contínuo, mas também é muito necessária para a formação de sujeitos críticos e conscientes de seus direitos e deveres. O ensino de Geografia, por possuir uma grande capacidade de contribuir com conhecimentos sobre a sociedade, oferece importantes oportunidades e contribuições para a reflexão sobre questões sociais, como o racismo e o preconceito, que impactam, principalmente, o exercício da cidadania da população negra no Brasil. Nesse contexto, o presente Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado: *a Cidadania nas aulas de Geografia: reflexões sobre Racismo e Preconceito*, busca analisar de que maneira o ensino de Geografia pode contribuir para a construção da cidadania a partir da reflexão crítica sobre essas temáticas.

O problema que norteou esta pesquisa foi a de compreender como a escola, por meio das aulas de Geografia, pode incentivar a reflexão cidadã dos estudantes sobre a desigualdade racial e de que forma pode combater a mesma. Sendo assim, a necessidade de promover debates sobre o que é racismo, racismo estrutural, preconceito racial e discriminação racial se torna ainda mais importante diante da persistência de práticas discriminatórias na sociedade brasileira.

A relevância do tema se consiste na importância de combater o racismo estrutural a partir das aulas de Geografia, discutindo o pertencimento, identidade e de valorização da diversidade com os estudantes. Pensar sobre racismo e cidadania na sala de aula é fundamental para a construção de uma sociedade antirracista, como também contribui para o desenvolvimento da consciência crítica dos estudantes.

O interesse pelo assunto surgiu a partir da análise de uma coleção de livros didáticos. Essa experiência mostrou a necessidade de se discutir a cidadania de maneira crítica, principalmente no que se refere na luta histórica da população negra por direitos e reconhecimento. Dessa forma, a pesquisa foi realizada na Escola Estadual Moreira e Silva, em Maceió /AL, no mês de abril de 2025, com estudantes do 1º ano do Ensino Médio. Foram aplicados questionários e atividades reflexivas em sala de aula, na busca de trabalhar os conhecimentos prévios dos estudantes, estimular o debate e consciência cidadã e ampliar o conhecimento deles sobre o assunto. Metodologicamente, a pesquisa é qualitativa, apoiada em levantamento bibliográfico, aplicação de atividades e questionários e análise dos dados por meio de quadros e gráficos.

Este trabalho está organizado em três capítulos. No primeiro capítulo, é apresentado o referencial teórico que mostra os conceitos de Cidadania, Racismo, Racismo Estrutural,

Preconceito Racial, Discriminação Racial e Ensino de Geografia. No segundo capítulo, é apresentado a discutido sobre como foi apresentado a cidadania através das competências gerais 6, a competência específica 6, e as habilidades EM13CHS601, EM13CHS602, EM13CHS603, EM13CHS604, EM13CHS605 e, EM13CHS606 da coleção do livro didático *Ser Protagonista*. No terceiro capítulo, são analisados e debatidos os resultados obtidos através das atividades e questionários aplicados com os estudantes, observando as percepções dos mesmos sobre a temática.

Dessa forma, se entende que a discussão sobre o racismo para a promoção da cidadania é de extrema importância, uma vez que se alinha ao fato que a educação ser sempre uma grande ferramenta influenciadora para o combate às desigualdades e a conscientização de indivíduos, para não somente conscientizar essa geração atual de estudantes, mas também influenciar positivamente as futuras gerações, fortalecendo o papel da educação como agente de transformação social.

2. METODOLOGIA

A presente pesquisa consubstanciou-se na abordagem qualitativa, tendo como objetivo compreender como o Ensino de Geografia pode contribuir para as reflexões críticas dos estudantes sobre o racismo e o preconceito, promovendo a cidadania nas aulas de Geografia. Essa metodologia se mostrou adequada, porque prioriza como os participantes pensam, sentem e interpretam as questões abordadas. Dessa forma, foi possível, obter uma melhor compreensão das suas percepções e experiências.

Segundo Flick (2004, p.20), a pesquisa qualitativa consiste "[...] na escolha correta de métodos e teorias oportunos, no reconhecimento e análises de diferentes perspectivas, nas reflexões dos pesquisadores a respeito de sua pesquisa como parte do processo de produção de conhecimento".

Os procedimentos metodológicos envolveram levantamento bibliográfico, análise do livro didático da coleção Ser Protagonista, discussão reflexiva e crítica sobre racismo e preconceito em sala de aula, aplicação de questionários e realização de atividades reflexivas, elaboração de gráficos e quadros para análises posteriores das respostas e percepções apresentadas.

A pesquisa foi desenvolvida com estudantes do 1º Ano do Ensino Médio da Escola Estadual Moreira e Silva mencionada, com o intuito de entender suas percepções sobre o assunto e os fazer refletir e compreender sobre como o racismo e o preconceito são grandes entraves na vida da população negra, bem como os estimular a pensar criticamente e os incentivar a praticar e exercer a cidadania de forma ativa.

Dessa forma, durante quatro aulas de Geografia, foram realizados debates e reflexões sobre racismo, racismo estrutural, preconceito racial e discriminação racial. A cada duas aulas, foi aplicada uma atividade e um questionário, totalizando duas atividades e dois questionários. A primeira atividade intitulada de "*Existe racismo no Brasil?*" buscou estimular uma reflexão crítica sobre o racismo estrutural no Brasil, para discutir como a população negra ainda é alvo de desigualdades. Enquanto a segunda, intitulada de "*Barrados no Baile: Se você cala, quem fala?*" trabalhou situações de preconceito racial, discriminação racial e racismo a partir da análise da música "Barrados no Baile", de Edson Gomes. Já os dois questionários tiveram como objetivo verificar se os estudantes conseguiram compreender os conceitos abordados e coletar suas opiniões sobre os impactos do racismo e de que modo podemos combater o mesmo.

3. A CIDADANIA COMO PRÁTICA TRANSFORMADORA

A cidadania, é um conceito muito importante na formação de indivíduos críticos e participativos, onde a mesma consegue ultrapassar a simples noção de cumprimento de deveres e conquista de direitos. Dessa forma, se olharmos para o ponto de vista educacional, ela se encontra como uma prática social que deve ser construída cotidianamente nas relações escolares e no exercício da convivência democrática.

Esse conceito e prática teve origem na antiguidade, onde seu berço foi a Grécia Antiga, mais especificamente nas cidade-estado. Desde então, ele não apenas ganhou atenção, como também passou a ser exercido de maneira mais ampla, sendo essencial para que os indivíduos compreendam seus deveres e direitos como cidadãos, possibilitando, assim, uma convivência harmônica em sociedade.

Com o passar dos anos e da evolução da humanidade, esse conceito passou a representar o conjunto de direitos e deveres que os indivíduos possuem dentro de uma sociedade, sendo de extrema importância para a construção de uma convivência que deve, ou deveria estar configurada, no respeito, na justiça e na responsabilidade de toda uma sociedade.

A cidadania pode ser entendida como a consciência e o exercício de direitos e deveres no contexto democrático, englobando direitos civis, sociais e políticos, como segurança, trabalho, educação, moradia, liberdade de expressão e participação política (GADOTTI, 2000). Sendo assim, a cidadania envolve o conhecimento e a prática de direitos civis, sociais e políticos, nos quais só são possíveis em um regime democrático que garante liberdade, participação e dignidade para todos. No entanto, apesar desse entendimento mais abrangente, nem todos conseguem exercer plenamente esse direito.

Ao que se refere a Constituição Federal de 1988 e em seu artigo Art. 5º fica estabelecido que:

> Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade (CONSTITUIÇÃO FEDERAL, 1988, p. 13).

Porém, no contexto brasileiro, essa igualdade não se apresenta, necessariamente, em igualdade na realidade. No Brasil, populações historicamente marginalizadas, como a população negra, povos indígenas, pessoas em situação de vulnerabilidade social, mulheres e a população LGBTQIA+, por exemplo, enfrentam obstáculos estruturais que barram seu acesso pleno aos seus direitos.

Além disso, a cidadania não é somente da parte jurídica. Ela também é vivida e negada no cotidiano das pessoas, seja nas ruas, nas escolas, no transporte público, nos serviços de saúde, nas oportunidades de trabalho e até nas relações sociais. A distribuição desigual dos recursos, o racismo institucional, a violência policial, a exclusão e a precarização do trabalho são alguns dos motivos que contribuem para a fragmentação da cidadania, criando diferentes níveis de acesso aos direitos conforme a classe social, o território e a identidade de cada indivíduo.

Nesse sentido, é fundamental entender a cidadania como um processo em construção, que exige uma atenção constante, uma participação ativa e também solidariedade coletiva. A cidadania precisa ser exercida no dia a dia, por meio do engajamento com as causas sociais, da defesa dos direitos humanos, da valorização da diversidade e da busca por justiça social. De acordo com Geaquinto (2015, p.36), exercer a cidadania é,

> A participação efetiva, o tomar parte, o estar participando, e não o fazer parte de forma passiva, acomodada, inerte. Detalhe: o tomar parte, a participação efetiva, não é algo colocado fora do homem, pelo contrário, é o caminho para que o homem revele, manifeste o seu fazer, a sua capacidade de realizar.

Sendo assim, a escola entra como uma grande responsável por formar cidadãos que consigam ser críticos, já que ela ocupa um lugar muito importante na construção da cidadania, não apenas como espaço de ensino formal, mas como um lugar de convivência, de escuta e de reconhecimento do outro. É dentro das salas de aula, nos corredores, nas conversas e nas trocas diárias que se formam os primeiros laços com a coletividade, o sentimento de pertencimento e a noção de que viver em sociedade é necessário respeito, diálogo e responsabilidade. O papel da escola vai muito além de preparar para provas ou vestibulares, pois ela também prepara para a vida em sociedade, para os desafios do dia a dia e para a compreensão de que os direitos conquistados só possuem sentido quando são acessíveis para todos.

Nesse processo, educar para a cidadania é criar condições para que os sujeitos se reconheçam como protagonistas de suas próprias histórias e entendam que podem, e devem, intervir na realidade em que está inserido. A escola, ao se comprometer com uma educação crítica e inclusiva, abre espaço para que diferentes vozes sejam ouvidas, para que as experiências individuais ganhem valor coletivo e para que o conhecimento seja uma grande ferramenta de transformação. Portanto, é nesse ambiente que se deve aprender a questionar injustiças, enfrentar preconceitos, respeitar as diferenças e imaginar outras formas de existência mais justas, por exemplo.

A cidadania não se limita ao cumprimento das leis, mas exige a atuação consciente do indivíduo, que precisa se reconhecer como agente ativo na transformação do meio em que vive, por meio de sua participação social, política, econômica e cultural (GEAQUINTO, 2015). Se compreende, portanto, que a cidadania vai além de seguir regras, pois é preciso desenvolver uma consciência crítica e entender como cada pessoa pode agir no seu contexto para realizar mudanças reais.

Ademais, formar cidadãos é também acolher as vivências dos estudantes, desde as suas dores, dúvidas, lutas e esperanças. Pois se entende que nem todos vem do mesmo lugar, que existe desigualdades profundas no acesso à educação, moradia, saúde e dignidade. A escola, nesse sentido, precisa ser um espaço de resistência, ou seja, um lugar onde se cultiva o senso crítico, mas também a empatia e onde se aprende não somente a ler o mundo, mas também de conseguir o sentir.

Então quando a educação se compromete com essa questão humana da cidadania, ela, por sua vez, deixa de ser apenas um meio de progresso social e passa a ser uma prática que visa a liberdade. Porque formar cidadãos é, no fundo, acreditar que cada sujeito tem o direito de existir plenamente, tendo voz, seu espaço e também com a possibilidade real de construir um futuro diferente.

No que diz respeito ao Racismo, este é uma forma de injustiça social, histórica e estrutural, a qual se manifesta por meio da crença de que determinadas raças ou grupos étnicos são superiores a outros. Essa ideologia, a qual é baseada em construções sociais e não em fundamentos científicos, sustentou e, ainda sustenta, sistemas que são, tanto de dominação, tanto de exclusão, e opressão em diferentes partes do mundo. Sendo assim, segundo Moore (2011, p.14), o racismo é:

> Uma ordem sistêmica de grande profundidade histórica e de ampla cobertura geográfica, que se teria desenvolvido, fundamentalmente, com o objetivo de garantir a separação automática de um determinado segmento humano do usufruto de seus próprios recursos. Em sua gênese, apresenta-se como uma forma de consciência grupal historicamente constituída, da qual proviriam depois construções ideológicas baseadas no “fenótipo/raça”. Sua função central, desde o início, seria regular os modos de acesso aos recursos da sociedade de forma racialmente seletiva, de acordo com o referido “fenótipo/raça.

No que se refere ao Brasil, o racismo tem raízes profundas e está diretamente ligado ao processo de colonização e também a escravidão. Por mais de trezentos anos, milhões de africanos foram sequestrados de seus locais de origem e trazidos contra suas vontades para

trabalhar como escravizados em terras brasileiras, sob domínio dos portugueses. Esse passado violento e desumano não foi superado com a abolição da escravatura em 1888, pois o fim formal da escravidão não foi acompanhado de políticas de inclusão, reparação ou de integração social.

Esse abandono governamental preparou o caminho para que o racismo se enraizasse nas estruturas sociais, econômicas, políticas e culturais do Brasil. É nesse contexto que se desenvolve o que hoje conhecemos como racismo estrutural, que é um tipo de racismo que não depende apenas de atitudes individuais preconceituosas, mas que também está presente nas instituições, nos sistemas de poder e nos costumes sociais que organizam o país. Assim como bem observa Almeida (2018, p. 38),

> O racismo é uma decorrência da estrutura social, ou seja, do modo "normal" com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural.

O racismo estrutural é, portanto, um sistema silencioso e muito persistente de exclusão, o qual gera desigualdades profundas e naturaliza a marginalização da população negra. Ele fica clara quando observamos a dificuldade de acesso a oportunidades, na violência policial, na falta de representatividade de pessoas negras em espaços de decisão, na forma como os corpos negros são criminalizados e até mesmo na diferença de tratamento em serviços básicos como saúde, educação e justiça. Isso não é coincidências ou falhas isoladas, pois são o reflexo de um sistema que historicamente negou para a população negra o direito pleno da cidadania.

Apesar dos avanços das discussões sobre igualdade racial e com a criação de políticas públicas, como as cotas raciais no ensino superior e em concursos públicos, o racismo segue sendo uma realidade no Brasil e essa realidade se apresenta não apenas nas periferias, mas também nos espaços de visibilidade e poder. Casos de racismo envolvendo celebridades são exemplos claros de como o preconceito não liga para status social ou reconhecimento público. Jogadores de futebol, cantores, atrizes e apresentadores negros já mencionou episódios de racismo tanto no Brasil quanto no exterior, seja em estádios, em redes sociais, na imprensa ou em eventos públicos. Essas situações mostram o quanto o racismo está entranhado na cultura e na mente coletiva, resistindo mesmo diante da fama ou do prestígio das vítimas.

A existência de casos de racismo envolvendo figuras públicas também nos mostra uma contradição social, isto é, enquanto o discurso da democracia racial ainda existir na mentalidade de parte da população brasileira, a prática cotidiana nos mostra o contrário. A ideia de que "todos são iguais" diante da lei se desfaz quando se observam os dados, os relatos e os

silenciamentos que cercam a população negra. Isso deixa claro que o racismo não é apenas um problema de ignorância ou má educação, mas uma estrutura social que acaba favorecendo determinados grupos e exclui outros, com base em uma hierarquia racial historicamente construída.

Diante do exposto, é fundamental que o combate ao racismo vá além da desaprovação moral ou da punição de atos isolados. É necessário reconhecer que ele está nas raízes do modo como a sociedade brasileira foi construída e que seu enfrentamento precisa de transformações profundas, tanto nas instituições, como as escolas, por exemplo, quanto nas mentalidades. A educação, nesse processo, ocupa um lugar muito importante, pois tem o poder de desconstruir estereótipos, valorizar a história e a cultura afro-brasileira, e formar sujeitos conscientes do seu papel na sociedade. A educação é de extrema importância para combater o racismo, pois ajuda os sujeitos a entenderem que ideias de superioridade ou inferioridade entre grupos não são naturais, mas foram ensinadas ao longo do tempo (MUNANGA, 2005).

Em relação ao preconceito, o mesmo é uma atitude que antecede a experiência em si, ou seja, se trata de um julgamento antes de conhecer e generalização sobre pessoas ou grupos com base em suas características, como a aparência, a origem, o gênero, a religião, a orientação sexual, a classe social e entre outros. Sendo assim, se trata de um processo de desvalorização do outro, que ignora a individualidade e coloca o sujeito em um estereótipo que é negativo. O preconceito, por mais que muitas vezes seja naturalizado no dia a dia, é uma construção social aprendida, que se manifesta tanto de forma explícita quanto sutil, e tem impactos profundos na convivência e nas oportunidades de vida da vítima.

No Brasil, um dos preconceitos mais enraizados e persistentes é o preconceito racial. Ele ocorre quando se faz um rótulo negativo sobre indivíduos ou grupos com base na cor da pele ou em características fenotípicas associadas com a população negra. Esse tipo de preconceito consegue estar presente em discursos, atitudes e práticas do dia a dia, e se mantém através da cultura, da mídia, das instituições e até mesmo das relações sociais. Ele não é somente insultos ou ofensas diretas, pois ele também está nas expectativas sociais rebaixadas em relação a pessoas negras, na exclusão de determinados espaços, e na desumanização sutil, muitas vezes mascarada por expressões como “não é por racismo”. De acordo com Nogueira (2007, p. 292),

> Preconceito racial é uma disposição (ou atitude) desfavorável, culturalmente condicionada, em relação aos membros de uma população, aos quais se têm como estigmatizados, seja devido à aparência, seja devido a toda ou parte da ascendência étnica que se lhes atribui ou reconhece.

Então quando o preconceito racial é levado para ações que marginalizam, excluem ou dificultam o acesso de pessoas negras a direitos e oportunidades, ele se manifesta como discriminação racial. A discriminação é, portanto, a materialização do preconceito, ou seja, é quando esse pensamento preconceituoso se transforma em prática. Ela pode ocorrer em diversos contextos, desde a negação de uma vaga de emprego, no tratamento desigual em estabelecimentos comerciais, na violência institucional, até na invisibilização da população negra em espaços de poder e decisão. Muitas vezes, essas práticas são justificadas por regras com falsa aparência de imparcialidade, o que torna o racismo ainda mais difícil de identificar e combater. A legislação brasileira, através do Decreto nº 65.810/1984, estabelece uma definição clara para a discriminação racial, a caracterizando como:

> [...] a expressão "discriminação racial" significará qualquer distinção, exclusão, restrição ou preferência baseadas em raça, côr, descendência ou origem nacional ou étnica que tem por objetivo ou efeito anular ou restringir o reconhecimento, gozo ou exercício num mesmo plano, (em igualdade de condição), de direitos humanos e liberdades fundamentais no domínio político econômico, social, cultural ou em qualquer outro domínio de vida pública (BRASIL, 1984, art.1).

Sendo assim, tanto o preconceito quanto a discriminação racial estão profundamente vinculados a uma estrutura maior: o racismo. O racismo, neste sentido, é a ideologia que sustenta o preconceito e a discriminação racial. Ele cria e reforça uma hierarquia entre grupos humanos, definindo que determinadas raças, em especial a branca, são superiores perante as demais. Essa ideologia não apenas influencia a forma como os indivíduos se relacionam, mas também organiza os meios sociais, políticos e econômicos. Dessa forma, o racismo não pode ser entendido apenas como um comportamento individual ou uma falha moral, porque ele é um sistema que opera de maneira ampla, sustentando privilégios de alguns e negando direitos a outros levando em consideração a sua raça.

É justamente esse sistema racista que influencia, de forma direta, a existência e a permanência do preconceito e da discriminação racial. Desde a infância, muitas pessoas são ensinadas, às vezes de maneira implícita, a associar características negras a elementos negativos, como violência, sujeira ou inferioridade. Essas associações, por mais que não sejam naturais, se tornam enraizadas e influência nos comportamentos e olhares, tornando contínua a exclusão racial.

O racismo é, portanto, a base que alimenta os preconceitos e justifica as discriminações, naturalizando desigualdades e silenciando vozes negras em diferentes meios da sociedade. O racismo está presente nas relações entre as pessoas e nas instituições, influenciando decisões e

formas de organização da sociedade. Ele está presente na cultura, na política e até nas práticas éticas da sociedade, servindo como base para sustentar privilégios e silenciar grupos historicamente marginalizados (GELEDÉS, 2016).

Se percebe, portanto, que é fundamental reconhecer que o combate ao preconceito e também a discriminação racial não pode ser feita de maneira superficial, como se fosse apenas uma questão de mudar atitudes. É necessário quebrar o racismo em sua forma estrutural, promovendo uma educação antirracista, valorizando a diversidade étnico-racial e criando políticas públicas que garantam a igualdade de oportunidades. Somente a partir desse enfrentamento coletivo do racismo será possível reduzir as práticas discriminatórias.

Neste contexto, o Ensino de Geografia desempenha um papel muito importante na formação de sujeitos críticos. Ao tratar da organização e produção do espaço geográfico, por exemplo, essa área do conhecimento oferece aos estudantes a possibilidade de compreenderem os conflitos socioespaciais e as diversas desigualdades que ocorrem na nossa sociedade, entre outros assuntos pertinentes. Em uma realidade atual, que é marcada por profundas desigualdades, falar sobre temas como cidadania, racismo e preconceito por meio do ensino de Geografia não é apenas importante, mas também urgente. Partindo dessa ideia, Santos e Vilar (2020, p. 228) também aponta a necessidade de que o Ensino de Geografia seja "[...] propício para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem com vistas à cidadania, e as demandas contemporâneas".

O espaço geográfico é, antes de tudo, uma construção social. Sendo assim, ele consegue refletir as relações de poder que são estabelecidas historicamente, nos deixando claro quem ocupa os centros de decisão, quem está nas margens e quem são os empurrados para os espaços da invisibilidade, seja da infraestrutura urbana, serviços públicos ou do reconhecimento social. Se percebe, portanto, que a Geografia se mostra essencial para revelar como as marcas do racismo estrutural aparecem, influenciando diretamente o modo como a cidade é vivida, percebida e também apropriada.

No caso do Brasil, um país onde a formação está profundamente enraizada em práticas tanto coloniais como escravistas, é possível observar que a produção do espaço foi, e continua sendo atravessada por critérios raciais. A ocupação periférica, o acesso desigual com as terras, a concentração fundiária, a vulnerabilidade ambiental em áreas de risco e o racismo ambiental são expressões espaciais da exclusão. Essas realidades não são aleatórias, porque elas vêm de uma lógica que historicamente privilegia determinados grupos em função de outros, especialmente a população negra e indígena. A Geografia, ao mostrar essas situações, contribui para desnaturalizar as desigualdades e questionar as estruturas que ainda as sustentam.

Se percebe, que esse ensino é mais do que compreender o espaço, é formar estudantes críticos da realidade, ou seja, sujeitos capazes de identificar como o racismo se territorializa e se reproduz no dia a dia. O Ensino de Geografia, nesse sentido, deve assumir uma responsabilidade pedagógica comprometida com a transformação social, onde se junta os conteúdos clássicos da disciplina a temas contemporâneos. Quando se faz isso, o ensino geográfico contribui não apenas para a ampliação do conhecimento teórico dos estudantes, mas também para a construção de um olhar mais apurado e engajado diante das desigualdades existentes.

A sala de aula, então, se torna um espaço de escuta e diálogo. É nela que se pode construir uma educação antirracista, que valorize as identidades, as culturas e as vivências dos sujeitos que ali estão. É por meio do ensino de Geografia que o estudante pode compreender, por exemplo, que a sua experiência de deslocamento até a escola, a ausência de saneamento básico em seu bairro ou a dificuldade de acesso ao transporte público não são casos e fatos isolados, mas consequências de uma realidade territorial excludente que precisa ser discutida e também enfrentada.

> [...] ensinar Geografia não é ensinar um conjunto de conteúdo e temas, mas é, antes de tudo, ensinar um modo de pensar, um modo de perceber a realidade, um modo de percebê-la espacialmente. O desenvolvimento do pensamento conceitual, que permite uma mudança na relação do sujeito com o mundo, generalizando suas experiências, é papel da escola e das aulas de Geografia (CALLAI, *et al*, 2016, p. 54).

Portanto, o Ensino de Geografia precisa ir além da reprodução de conteúdo técnicos, por exemplo. Ele deve ser transformador, interdisciplinar, político e humanizador. Ao problematizar e questionar as realidades sociais e ao incentivar o protagonismo dos estudantes, essa disciplina consegue contribuir para a formação de cidadãos que não apenas entendem o mundo em que vivem, mas que também se sentem parte, que é ativa, da sua construção. E é nesse sentido que a Geografia se torna essencial para o enfrentamento do racismo, para o reconhecimento da diversidade e para a promoção de uma educação transformadora.

4. A TEMÁTICA CIDADANIA NA COLEÇÃO DIDÁTICA DA ÁREA DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS

Este primeiro capítulo tem como objetivo apresentar a análise realizada sobre a abordagem da cidadania nos livros didáticos do Ensino Médio da Área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (CHSA). A pesquisa se concentra na forma como esses materiais tratam o conceito de cidadania, destacando as potencialidades e os limites presentes no conteúdo, com foco na prática pedagógica e nas possíveis contribuições para o Ensino da Geografia.

É de conhecimento geral que a escola serve como um guia para apresentar e preparar os estudantes para serem cidadãos, e não somente isso, mas também de contribuir para se tornarem indivíduos mais críticos em sua trajetória. Nesse contexto, Hooks (2020, p. 81) afirma que, "[...] como professores, nosso papel é conduzir nossos estudantes na aventura do pensamento crítico." Entretanto, devemos entender que para um docente alcançar seu objetivo, ele também necessita de materiais de apoio e o livro didático se configura como um grande aliado do professor.

Sendo assim, neste primeiro momento, iremos demonstrar a organização geral da coleção selecionada, tanto no conjunto dos volumes quanto na estruturação interna de cada um deles. Assim como, investigar e pontuar em quais volumes, unidades e/ou capítulos da coleção selecionada são abordados a cidadania e a consciência crítica através da competência geral 6, como também o exercício da cidadania na competência específica 6.

Para a referida pesquisa, foram escolhidos os volumes da coleção *Ser Protagonista* da editora SM educação, que estão divididos em seis volumes e foram aprovados no PNLD de 2021. Está se encontra disponível no Guia Nacional do Livro Didático de 2021, e é composta pelo Manual do Professor, Livro do Estudante e conta com o Material do Professor Digital.

A referida coleção possui seis volumes, cujo tem como os seguintes títulos: O primeiro volume com Cidadania e Ética, o segundo com Economia e Trabalho, o terceiro com Política e Relação de Poder, o quarto com Território e Fronteira, o quinto com Sociedade e cultura e, por fim, o sexto conta com Conhecimento Científico e Tecnologias.

Os Manuais do Professor (MP) da coleção *Ser Protagonista*, dos volumes 1, 2, 3, 4, 5 e 6, seguem uma estrutura consistente, abordando temas como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o Novo Ensino Médio. Eles destacam a importância da BNCC, sua história e discutem a reorganização curricular do Ensino Médio (EM). Além disso, dedicam um capítulo às Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, com ênfase nas competências específicas exigidas pela BNCC nessa área.

Os referidos Manuais promovem a interdisciplinaridade, sugerindo como as disciplinas podem trabalhar juntas, e traçam seus pressupostos teórico-metodológicos, incluindo interculturalismo e multiculturalismo, interdisciplinaridade, aprendizagem significativa, alteridade e relativismo cultural, além da valorização do conhecimento prévio e da pesquisa, como também salienta suas metodologias ativas, como o Arco de Maguerez. Eles também discutem avaliações internas e externas.

A estrutura dos supracitados Manuais inclui seções como objetivos, justificativas e descrição das competências, abertura de unidade, abertura de capítulo, atividades, ampliando, práticas de texto, práticas de pesquisa, competências e habilidades desenvolvidas na obra e bibliografia comentada. Também oferecem cronogramas para orientar os professores.

Embora os quadros de conteúdo variem entre os volumes, eles mantêm uma estrutura comum, apresentando 4 unidades com capítulos específicos e práticas de pesquisa. As leituras complementares e a bibliografia comentada podem se diferenciar ligeiramente entre os volumes para se adequarem aos temas específicos abordados.

No que diz respeito ao Livro do Estudante (LE) da coleção *Ser Protagonista*, está compreende seis volumes, no qual é possível notar um padrão no número e divisão das unidades e capítulos. Cada Volume possui 12 capítulos divididos igualmente entre 4 unidades, com exceção do Volume 2 que possui a Unidade 3 com 2 capítulos e Unidade 4 com 4 capítulos e o Volume 5, possui na sua Unidade 2, 4 capítulos e 2 capítulos na Unidade 4.

Além disso, o LE da referida coleção conta com atividades ao final de cada capítulo e os chamados “Boxes”, seção para ampliar mais o aprendizado dos estudantes, sendo elas: Ampliando, Práticas de texto e Práticas de Pesquisa. Ao final de cada volume é possível encontrar uma sessão sobre competências e habilidades desenvolvidas ao decorrer da obra e bibliografia comentada.

No Volume 1 do LE, a Unidade 1 – Ecos da escravidão no Brasil, dispõe dos seguintes capítulos: 1 – Escravidão e o trabalho análogo à escravidão. Possuindo onze páginas no total (12-23) e contando com Boxe Ampliando sobre Immanuel Kant sobre escravidão; 2 – Existe racismo no Brasil?. Tem sete páginas (24-31) e o Boxe de Práticas de texto com reportagens online; 3 – Vidas negras importam. No total, são onze páginas (32-43) com Boxe de Práticas de Pesquisa sobre racismo estrutural. Na Unidade 2 – Cidadania brasileira hoje, capítulos: 4 – Igualdade social ou privilégios?. Se dividindo em onze páginas (46-57) e um Boxe de Ampliando sobre igualdade e desempenho; 5 – A busca pela igualdade. Possui nove páginas (58-67) e conta apenas com atividades; 6 – Povos tradicionais: a luta permanente. Possui dois Boxes, Práticas de Texto sobre *vlog* e Práticas de Pesquisa sobre Privilégios à brasileira. Tudo

dividido em onze páginas (68-79). Chegando à Unidade 3 – O Brasil e a democracia, é possível notar os capítulos: 7 – O Estado brasileiro é autoritário?. Onze páginas (82-93) não possui Boxes, apenas atividades; 8 – Representatividade e democracia. Dividido em nove páginas (94-103) com Boxe Ampliando sobre a Soberania do povo; 9 – Os movimentos populares. Com Boxe Práticas de texto sobre Escrita de biografia e Práticas de pesquisa sobre Democracia. No total, onze páginas (104-115). Por fim, na Unidade 4 – Democracia brasileira: desafios, os capítulos: 10 – Direitos sociais. Onze páginas (118-129) Boxe Ampliando sobre Democracia no conceito e na prática; 11 – Múltiplos desafios. Possui 9 páginas (129-138) e Práticas de texto sobre debate regrado; 12 – Possibilidades de futuro: a periferia. Onze páginas (138-149) com Boxe Práticas de pesquisa sobre futuro profissional.

No Volume 2 do LE, a Unidade 1 – Mundo globalizado, encontra-se os capítulos: 1 – A formação do mundo capitalista. Contendo nove páginas (12-21) e Boxe Ampliando sobre condições de trabalho na primeira e segunda revolução industrial; 2 – Globalização. Doze páginas (22-34) e atividades; 3 – Comércio mundial, capítulo sobre o comércio no geral. Com Boxes Práticas de texto e Práticas de Pesquisa sobre debate regrado e comércio exterior brasileiro respectivamente. Dez páginas (35-45). Na Unidade 2 – Indústria, campo e cidade no mundo contemporâneo, capítulos: 4 – A atividade industrial. Nove páginas (48-57) e atividades; 5 – O mundo rural. Possui dez páginas (58-68) e atividades; 6 – Urbanização. Contém quatorze páginas (69-83), Boxes Ampliando sobre mulheres na cidade, Práticas de texto sobre reportagem e Práticas de pesquisa sobre papel das incubadoras no desenvolvimento empresarial. Unidade 3 – Mundo do trabalho, capítulos: 7 – O que é trabalho? Onze páginas (86-97), Boxe de Práticas de texto sobre relato pessoal; 8 – O mundo do trabalho na sociedade contemporânea, possui dezessete páginas (98-115) e Boxe Ampliando sobre terceirização dos direitos trabalhistas e Práticas de pesquisa sobre mulheres no mercado de trabalho. Unidade 4 – Recursos naturais, recursos energéticos e sustentabilidade, capítulos: 9 – Recursos naturais, cinco páginas (118-23) com atividades; 10 – Recursos energéticos, oito páginas (124-132) inclusas atividades; 11 – Questões ambientais do século XXI, (133-139) detém atividades e Boxe Ampliando sobre moda e sustentabilidade; 12 – Sustentabilidade, capítulo que possui nove páginas (140-149), Boxes de Práticas de texto e Práticas de pesquisa sobre petição online e o rompimento da barragem de Brumadinho, respectivamente.

No Volume 3 do LE identifica-se nas Unidades, os seguintes capítulos: 1 – O Estado no cotidiano. Onze páginas (12-21), possui Boxe de Práticas de texto sobre contação de um mito; 2 – Governo e Estado. Onze páginas (22-31), com Boxe Ampliando sobre democracia e república; 3 – Estado: o dono da força. Treze páginas (32-45), conta com Boxe Práticas de

pesquisa sobre democracia na escola. Seguindo, os capítulos na Unidade 2 – O Estado e os sistemas econômicos: 4 – Direitas e esquerdas: dilemas políticos. Possui onze páginas (48-59), Boxe Ampliando sobre revolução; 5 – Estado-nação: quem tem direito? Possui oito páginas (60-68), com apenas atividades; 6 – A quem serve o Estado do Brasil, capítulo tem doze páginas (69-81) e possui Boxes de Práticas de texto e Práticas de pesquisa sobre, respectivamente, entrevista escrita e tamanho do Estado. Na Unidade 3 – O Estado brasileiro, capítulos: 7 – A política é para todos, contém oito páginas (84-92) e atividades; 8 – Ações afirmativas e poder, capítulo com oito páginas (93-101), Boxe Práticas de texto sobre artigo de opinião; 9 – Representatividade e poder. Detém de treze páginas (102-115), Boxes Ampliando e Práticas de pesquisa sobre, respectivamente, feminismo e mudanças no sistema político. Por fim, na Unidade 4 – O Brasil e os outros Estados, no capítulo 10 – O Brasil e a América do Sul, possui oito páginas (118-126) e atividades; 11 – Conexões do Atlântico Sul: Brasil e África, contém oito páginas (127-135), Boxe Ampliando sobre pensamento "decolonial"; 12 – Outras conexões com o Brasil, treze páginas (136-149), Boxes Práticas de texto e Práticas de pesquisa sobre, respectivamente, seminário e migrantes no Brasil atual.

No Volume 4 do LE registra-se na Unidade 1 – Fronteiras, territórios e territorialidades, nos capítulos: 1 – Fronteira, território e Estado, que conta com sete páginas (12-19) e Boxe Ampliando sobre fronteiras distribuídas entre dois países; 2 – Território e cultura, treze páginas (20-33) e Boxes Ampliando e Práticas de texto sobre, respectivamente, comunidades tradicionais e resenha crítica; 3 – Abertura, circulação e redefinição de fronteiras, nove páginas (34-42) com Boxe Práticas de pesquisa sobre fronteiras sociais e culturais na humanidade. Chegando à Unidade 2 – Conflitos e transformações territoriais, nos capítulos: 4 – Territórios em disputa, sete páginas (46-53) com Boxe Ampliando sobre geopolítica dos mares fechados; 5 – conflitos e transformações territoriais no século XX, conta com apenas atividades nas suas nove páginas (54-63); 6 – Conflitos no século XXI, treze páginas (64-77) e Boxes Práticas de texto sobre editorial e Práticas de pesquisa sobre Transformações territoriais. Seguindo para a Unidade 3 – Dinâmicas populacionais, nos capítulos: 7 – A população mundial, detém de nove páginas (80-89) e Boxe Ampliando sobre hip-hop e a construção da consciência social e política; 8 – Migrações, nove páginas (90-99) e apenas atividades; 9 – Brasil: população e fluxos migratórios, capítulo que possui quinze páginas (100-115) com Boxes Práticas de texto sobre inógrafico e Práticas de pesquisa sobre Imigrantes e refugiados no Brasil. Na reta final, a Unidade 4 – Território brasileiro, capítulos: 10 – Formação territorial do Brasil, nove páginas (118-127) e Boxe Ampliando sobre o espaço geográfico e a teoria de Milton Santos; 11 – Território e territorialidades no Brasil, nove páginas (128-137) e Boxe Práticas de texto sobre

podcast; 12 – Conflitos territoriais no Brasil, possui onze páginas (138-149) e Boxe Práticas de pesquisa sobre territorialidades juvenis e a ocupação dos espaços públicos.

No Volume 5 do LE nota-se a presença de Unidades 1 – O estudo da sociedade, os capítulos: 1 – A produção do conhecimento sobre a sociedade, com nove páginas (12-21) e apenas atividades; 2 – A relação entre indivíduo e sociedade, em nove páginas (22-31) possui Boxe Ampliando sobre imaginação sociológica; 3 – Poder e controle social, quinze páginas (47-32) e Boxes Práticas de texto sobre história em quadrinhos e Práticas de pesquisa sobre mídias sociais como ferramenta para o empoderamento juvenil. Unidade 2 – Cultura e ideologia, capítulos: 4 – O que é cultura?, capítulo que contém nove páginas (50-59) e Ampliando sobre rap indígena; 5 – Dominação e resistência, se nota nove páginas (60-69) e apenas atividades; 6 – Ideologia e indústria cultural, se encontra nove páginas (70-79) e apenas atividades 7 – Arte, cultura e estética, capítulo com onze páginas (80-91) e Boxes Práticas de texto sobre artigo de opinião e Práticas de pesquisa sobre estudo de recepção sobre o consumo de arte e cultura na era digital. Chegando na Unidade 3 – Desigualdade, violência e justiça social, nos capítulos 8 – Estratificação e desigualdade social, detém de seis páginas (94-100) e apenas atividades; 9 – Desigualdade e violência, se registra onze páginas (101-112) e Boxe Ampliando sobre Desigualdade, segurança pública e armamento; 10 – Justiça social, dez páginas (113-123) e Boxe Práticas de texto sobre estatuto e Práticas de pesquisa sobre políticas de segurança pública. Unidade 4 – Sociedade, mundo digital e meio ambiente, capítulos: 11 – Sociedade e informação na era digital, nove páginas (126-135) e Boxe Ampliando sobre mídia e protagonismo juvenil; 12 – Sociedade e meio ambiente, treze páginas (136-149) e Boxes Práticas de texto sobre vlog e Práticas de pesquisa sobre redes sociais e sociabilidade.

No Volume 6 do LE encontra-se a Unidade 1 – Em busca da verdade, capítulos: 1 – Onde está a verdade?, onze páginas (12-23) e Boxe Práticas de texto sobre carta do leitor; 2 – Desenvolvimento do pensamento ocidental, nove páginas (24-33) e Boxe Ampliando sobre convencionalismo e os pactos sociais; 3 – Ciência ocidental e moderna, que contém nove páginas (34-43) e Boxe Práticas de pesquisa sobre *fake news*. Na Unidade 2 – Diversidade epistemológica, nos capítulos: 4 – Conhecimento tradicionais e suas tecnologias, sete páginas (46-53) e Boxe Ampliando sobre etnocentrismo e eugenia; 5 – Os mitos e o conhecimento, se observa sete páginas (54-61) e apenas atividades; 6 – Experiências comunitárias, detém quinze páginas (62-77) e Boxes Práticas de texto e Práticas de pesquisa sobre, respectivamente, relato oral de experiência e redes sociais. Unidade 3 – Bioética: dilemas e responsabilidades, capítulos: 7 – Padrões de beleza: diálogos sobre estética, se observa onze páginas (80-91) e apenas atividades; 8 – Saúde e controle do corpo, possui nove páginas (92-101) e Boxe Práticas

de texto sobre podcast; 9 – Inteligência artificial, se encontra treze páginas e Boxes Ampliando sobre liberdade de escolha e Práticas de pesquisa sobre construção do corpo saudável nas mídias sociais. Por fim, Unidade 4 – Tecnologia e sustentabilidade, nos capítulos: 10 – Natureza e ser humano, contém onze páginas (118-129) e Boxe Práticas de texto sobre resenha; 11 – Direito à cidade, seis páginas (130-136) e Boxe Ampliando sobre arquitetura e sustentabilidade; 12 – Agroecologia: possibilidades de futuro, capítulo que possui doze páginas (137-149) e Boxe Práticas de pesquisa sobre Sustentabilidade local.

Em relação ao Material do Professor Digital (MDP), nos vídeos de todos os volumes: 1, 2, 3, 4, 5 e 6 se observa que os mesmos possuem uma duração média de sete minutos e são acompanhados por animações. Inicialmente, se registra uma breve introdução sobre os conteúdos a serem abordados, onde são destacados seus objetivos, justificativas, possuindo em todos os volumes uma abordagem teórico-metodológica voltada para as metodologias ativas, bem como também apresentam suas unidades para o professor, juntamente com propostas. São explicadas as práticas de pesquisa em cada unidade, delineando as atividades. Finalmente, se destaca a articulação dessas características dos volumes para impulsionar os estudantes a buscar soluções para seus problemas e melhorias em suas comunidades.

No Volume 1 do MDP identifica-se uma explicação abrangente do tema a ser abordado no referido volume, a cidadania. Esse material destaca seus objetivos, que variam desde a identificação de desigualdades sociais até a promoção de princípios éticos. A importância de incentivar os estudantes a refletirem sobre seu papel na sociedade é enfatizada como justificativa. Além disso, se verifica uma apresentação das unidades do volume 1 do LE, delineando para o professor as produções que o mesmo pode realizar com os estudantes, incluindo pesquisas, reportagem, *vlog* de opinião, biografia e debate regrado.

No Volume 2 do MDP encontra-se uma explicação sobre o processo de formação do mundo globalizado, salientando as atividades econômicas e suas consequências nas relações de trabalho e no meio ambiente. São delineados objetivos que vão desde a reflexão sobre o capitalismo e globalização até a exploração do conceito de sustentabilidade. A justificativa para este conteúdo é fundamentada na reflexão sobre economia e trabalho, visando a importância sobre o projeto de vida dos estudantes e a compreensão dos problemas sociais, econômicos e ambientais. O supracitado volume também detalha as unidades a serem trabalhadas. De acordo com o MDP deste volume, os professores podem fazer com que os estudantes possam produzir pesquisas, relato pessoal, debate regrado, reportagem e petição online.

No Volume 3 do MDP registra-se uma explicação concisa acerca do conteúdo a ser trabalhado, que está centrado no modo de organização de diferentes sociedades. Este apresenta

os objetivos, que visam a compreensão do conceito de Estado, além de debater, problematizar e se posicionar diante das desigualdades. A justificativa reside na capacidade de se posicionar como cidadãos. O mesmo ressalta os temas de cada unidade do volume 3 do LE para o professor. Além disso, são descritas as diferentes formas de produções ao longo do volume, como pesquisas, contação de um mito, entrevista escrita, artigo de opinião e seminário.

No Volume 4 do MDP nota-se uma explicação resumida sobre o conteúdo a ser ministrado, focalizando o processo de formação de territórios e fronteiras. O MDP esclarece para o professor que o objetivo do volume 4 do LE está baseado tanto na análise do conceito do Estado, território e fronteiras até a discussão da formação do território brasileiro. O MDP discute sobre a justificativa de trabalhar o tema, onde apresenta uma preocupação de reconhecimento histórico e sociocultural, assim como os conflitos e tensões. Bem como nos demais volumes, o MDP do volume 4 também explica cada uma das unidades do LE do referido volume para o professor, relatando o que cada um irá abordar. As atividades propostas variam de pesquisas, resenha crítica, editorial, infográfico e *podcast*.

No Volume 5 do MDP verifica-se a sugestão de estimular os estudantes a refletir acerca da relação entre os indivíduos e a sociedade, a diversidade cultural, a desigualdade, além de promover debates sobre tecnologias e meio ambiente. O objetivo apresentado ao professor vai ser desde possibilitar os estudantes a compreenderem as formas de conhecimentos em seus contextos históricos e sociais, até discutir a influência das questões tecnológicas na sociedade contemporânea. A justificativa desenvolvida busca explicar como é importante a compreensão da diversidade cultural. O MDP explica ao professor o que cada unidade do LE do Volume 5 irá evidenciar. De acordo com o MDP do volume 5, as produções a serem trabalhadas com os estudantes estão situadas em pesquisas, história em quadrinho, artigo de opinião, estatuto e *vlog*.

No Volume 6 do MDP observa-se uma apresentação do que o professor poderá desenvolver com os estudantes, abordando temas sobre as diferentes formas de conhecimento, a importância da ciência e a influência das tecnologias na sociedade. Os objetivos incluem desde refletir sobre o pensamento científico até a compreensão de conceitos de sustentabilidade. A justificativa apresentada para o professor se baseia na importância dos estudantes valorizarem a diversidade de saberes e na promoção de uma postura mais crítica. Todas as unidades do LE do Volume 6 são apresentadas para o professor, com sugestões de atividades que variam de pesquisas, carta ao leitor, relato oral de história vivida, *podcast* e elaboração de resenha.

Ademais, também se visa analisar a competência geral 6 (CGEB6) e a competência específica 6 (CECHSA6) da área de CHSA nos volumes 1, 2, 3, 4, 5 e 6 da coleção *Ser Protagonista*. No que se refere a competência geral 6 (CGEB6) segundo a BNCC está objetiva

> [...] valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade (BRASIL, 2018, p. 9).

Quanto à competência específica 6 (CECHSA6), é fundamental que os estudantes participem ativamente de debates públicos, mas que sejam capazes de respeitar os diferentes pontos de vista e é necessário que isso ocorra de forma alinhada com o desenvolvimento da cidadania e ao seu projeto de vida, promovendo a liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade (BRASIL, 2018).

Desse modo, iremos analisar inicialmente como o Livro do Estudante aborda essas competências, e em seguida partiremos para a análise dessas competências no Material do Professor Digital da presente coleção.

No Volume 1 do LE, identifica-se que embora a Competência Geral 6, esteja presente somente na Unidade 1, está se encontra em todos os capítulos da referida unidade, inclusive na Seção de práticas de pesquisa. Em contrapartida, a Competência Específica 6 se destaca nesse volume, a qual se encontra nos capítulos 2 e 3 da Unidade 1, bem como nas Sessões Práticas de Pesquisa. Na Unidade 2, se verifica nos capítulos 4, 5 e 6. E por fim, na Unidade 3 e 4 se verifica em todos os capítulos, assim como também nas Sessões Práticas de Pesquisa.

No Volume 2 do LE, verifica-se uma quase ausência da Competência Geral 6, tendo em vista que está somente é evidenciada na Unidade 2, notadamente no capítulo 4 e na Seção Práticas de Pesquisa. No que diz respeito a Competência Específica 6 na Unidade 1 deste volume se nota uma carência considerável, já que a mesma só aparece no capítulo 3, enquanto na Unidade 2 se apresenta nos capítulos 4, 5 e 6. E na Unidade 3, é evidenciada somente no capítulo 8 e na Seção Práticas de Pesquisa.

No Volume 3 do LE, nota-se um destaque considerável da Competência Geral 6. Na Unidade 1, está se encontra somente no capítulo 1; na Unidade 2 a mesma é evidenciada nos capítulos 5 e 6, e na Unidade 3 está presente nos capítulos 7 e 9, bem como na Seção Práticas de Pesquisa e, por fim, na Unidade 4, se identifica nos capítulos 10 e 11. Em relação, a Competência Específica 6, a mesma é mencionada nos capítulos 1, 2 e 3 da Unidade 1, também se encontra em toda a Unidade 2 e 3, se localizando somente nos capítulos 10 e 11, e na Seção Práticas de Pesquisa.

No Volume 4 do LE, é notável a escassez desta Competência Geral 6. Sendo assim, registra-se a mesma na Unidade 1 nos capítulos 2 e 3; na Unidade 2 no capítulo 6; e na Unidade 3 somente no capítulo 7. Em contraste, a Competência Específica 6 é tratada na Unidade 1 nos

capítulos 1, 2 e 3; na Unidade 2 ela se segue nos capítulos 4, 5 e 6; na Unidade 3 nos capítulos 7 e 9 e na Unidade 4, nos capítulos 10, 11 e 12.

No Volume 5 do LE, a competência geral 6 localiza-se na Unidade 1, nos capítulos 2 e na Seção Práticas de Pesquisa, além de também ter destaque somente na Unidade 4, no capítulo 11. A Competência Específica 6 encontra-se na Unidade 1 apenas na Seção Práticas de Pesquisa, na Unidade 3 ela é explorada ao longo de todo seu desenvolvimento, enquanto na Unidade 4 aparece somente no capítulo 12.

Por fim, no Volume 6 do LE, em todas as Unidades, a Competência Geral 6 encontra-se presente. Na Unidade 1, é vista nos capítulos 2, 3 e na Seção Práticas de Pesquisa; na Unidade 2 é evidenciada em todos os capítulos; na Unidade 3 se encontra nos capítulos 7 e 8 e, finalmente, está distribuída em toda a Unidade 4. Quanto à Competência Específica 6, na Unidade 1 se registra unicamente presente no capítulo 3; e na Unidade 3, está situada unicamente no capítulo 8.

Inicialmente, foi apresentada uma observação geral sobre a forma como o livro didático aborda a competência geral e específica 6. No entanto, para verificar de maneira mais precisa quais volumes realmente desenvolvem essas competências de forma efetiva, foi realizada uma análise detalhada. Sendo assim, foram elaborados os quadros 1 e 2 que sintetizam os resultados dessa análise, destacando os volumes que, de fato, trabalharam essas competências de maneira eficaz.

No que se refere a Competência Geral 6 destaca-se o quadro 1.

Quadro 1 - **A competência Geral 6 exposta no material analisado.**

CITADO E TRABALHADO	CITADO E PARCIALMENTE TRABALHADO	CITADO E NÃO TRABALHADO
Volume 1 - Capítulos 1, 3 e Práticas de Pesquisa Da Unidade 1	Volume 4 - Capítulo 3 e 7	Volume 1 - Capítulo 2
Volume 2 - Capítulo 4 e Práticas de Pesquisa Da Unidade 2	Volume 5 - Capítulo 2 e 11	Volume 3 - Capítulo 1, 7 e 9
Volume 3 - Capítulos 5, 6, 10, 11 e Práticas de Pesquisa da Unidade 3	Volume 6 - Capítulo 2 e 4	Volume 4 - Capítulo 6
Volume 4 - Capítulo 2		Volume 6 - Capítulos 6, 7, 8, 11, 12 e Práticas de Pesquisa da Unidade 1 e 4
Volume 5 - Práticas De Pesquisa da Unidade 1		
Volume 6 - Capítulos 3, 5 e 10		

Fonte: Corrêa, *et al.*, (2020).
Elaboração: Larissa Lira Rocha, 2024.

No que diz respeito a Competência Específica 6 destaca-se o quadro 2.

Quadro 2 - **A competência Específica 6 presente no material analisado.**

CITADO E TRABALHADO	CITADO E PARCIALMENTE TRABALHADO	CITADO E NÃO TRABALHADO
VOLUME 1 - Capítulo 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 11 e Práticas de Pesquisa da Unidade 1	VOLUME 1 - Capítulo 9, 12 e Práticas de Pesquisa da Unidade 4	VOLUME 1 - Prática de Pesquisa da Unidade 1
VOLUME 2 - Capítulos 4 e 5	VOLUME 2 - Capítulo 6 e 8	VOLUME 2 - Prática de Pesquisa da Unidade 3
VOLUME 3 - Capítulos 1, 2, 3 4, 5, 6, 7, 9, 11 e Práticas de Pesquisa da Unidade 3 e 4	VOLUME 3 - Capítulo 10	
VOLUME 4 - Capítulos 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 11 e 12	VOLUME 6 - Capítulo 8	
VOLUME 5 - Capítulos 8, 9, 10, 12 e Práticas de Pesquisa da Unidade 1 e 3		
VOLUME 6 - Capítulo 3		

Fonte: Corrêa, *et al.*, (2020).
Elaboração: Larissa Lira Rocha, 2024.

No que se refere a análise dessas competências no Material do Professor Digital da presente coleção, temos a seguinte situação. No Volume 1 do MDP, a Competência Geral 6 é mencionada de forma explícita em seu primeiro momento, bem como no final do material, em que a mesma é citada no que diz respeito às seções de pesquisa. No entanto, a Competência Específica 6 não é apresentada de forma explícita durante o vídeo, sendo evidenciada somente quando diz respeito ao incentivo de debates.

No Volume 2 do MDP, apesar do mesmo apresentar em seu vídeo imagens acerca da Competência Geral 6, não se consegue identificar de forma clara. O mesmo ocorre com a Competência Específica 6.

O Volume 3 do MDP não aborda a Competência Geral 6 de forma clara, entretanto, a Competência Específica 6 consegue se destacar já nos primeiros minutos de vídeo ao enfocar os objetivos relacionados ao debate, problematização e posicionamentos diante das desigualdades, preconceitos, intolerâncias e discriminações.

No Volume 4 do MDP, foi observado que somente a Competência Geral 6 consegue se destacar de forma limitada, em especial ao abordar a Unidade 1. No que diz respeito à Competência Específica 6, não foram identificados destaques significativos.

No Volume 5 do MDP, embora o mesmo relate que é trabalhado a Competência Geral 6, não foi possível a sua identificação, juntamente com a Competência Específica 6.

No Volume 6 do MDP, se observa que em sua abertura o material apresenta as noções da Competência Geral 6 ao explicar sobre o que se vai desenvolver durante o volume.

Nestes termos, estes são os capítulos onde encontramos a Competência Geral 6 e as Específicas no Manual do Professor, Livro do Estudante e Material do Professor Digital dos seis volumes da coleção *Ser Protagonista* aprovados no PNLD 2021.

Em relação às habilidades, destaca-se o quadro 3 que evidencia onde as mesmas encontram-se no material analisado.

Quadro 3 - As Habilidades evidenciadas no material analisado.

	CITADO E TRABALHADO	**CITADO E PARCIALMENTE TRABALHADO**	**CITADO E NÃO TRABALHADO**
EM13CHS601	VOLUME 1 - Capítulos 3, 4, 5, 6 e 11 VOLUME 3 - Capítulos 7, 8, 10 e 11 VOLUME 4 - Capítulo 2	VOLUME 1 - Capítulos 2, 8 e 9 VOLUME 4 - Capítulo 7 VOLUME 5 - Capítulo 9 e 10	VOLUME 1 - Práticas de Pesquisa 1
EM13CHS602	VOLUME 1 - Capítulos 3, 7, 8, 9 e Práticas de Pesquisa 3 VOLUME 3 - Capítulo 4	VOLUME 1 - Capítulo 2 VOLUME 2 - Práticas de Pesquisa 3	VOLUME 2 - Capítulo 8
EM13CHS603	VOLUME 1 - Capítulos Capítulo 7, 8 e 10 VOLUME 3 - Capítulos 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 11 e Práticas de Pesquisa 2 e 3 VOLUME 4 - Capítulos 3, 4, 5, 6, 10, 11 e 12	VOLUME 1 - Capítulo 12	VOLUME 1 - Práticas de Pesquisa 3.
EM13CHS604	VOLUME 1 - Capítulo 6 VOLUME 3 - Capítulos 10, 11 e Práticas de Pesquisa 4 VOLUME 4 - Capítulos 4, 6 e 12 VOLUME 5 - Capítulo 12		
EM13CHS605	VOLUME 1 - Capítulo 4, 6, 7 e 8 VOLUME 3 - Capítulos 2, 3, 4, 5, 6 e Práticas de Pesquisa 2 e 4 VOLUME 4 - Capítulos 2 e 3 VOLUME 5 - Práticas de Pesquisa 3.		VOLUME 1 - Práticas de Pesquisa 1 e 3
EM13CHS606	VOLUME 1 - Capítulos 6 e 11 VOLUME 2 - Capítulos 3, 5 e 6 VOLUME 3 - Capítulo 9 e Prática de Pesquisa 3 VOLUME 4 - Capítulos 2 e 9 VOLUME 5 - Capítulo 8 e Práticas de Pesquisa 1 VOLUME 6 - Capítulo 8		VOLUME 1 - Práticas de Pesquisa 1 e 4

Fonte: Corrêa, *et al.*, (2020).
Elaboração: Larissa Lira Rocha, 2024.

Em relação às habilidades abordadas ao longo do material analisado têm-se as EM13CHS601, EM13CHS602, EM13CHS603, EM13CHS604, EM13CHS605, EM13CHS606 da CHSA realizadas ao longo da pesquisa, demonstraram os seguintes aspectos: os volumes 1, 2, 3, 4 e 5 foram os que mais apresentaram de forma significativa a competência geral e específica 6, bem como as habilidades 601, 602, 603, 604, 605 e 606. Esses volumes apresentaram uma relevante ligação de competências e habilidades nos respectivos capítulos e Práticas de Pesquisa.

Neste contexto, o volume 1 apresentou no Capítulo 3 as habilidades 601 e 602. Enquanto, o Volume 3 se destacou nos Capítulos 5, 6 e 11, além da Prática de Pesquisa da Unidade 3, os quais conseguiram trabalhar as habilidades 601, 602, 603, 604, 605 e 606. Já o Volume 4 se concentrou no Capítulo 2, onde foram trabalhadas as habilidades 601, 605 e 606. E o Volume 5, no entanto, trabalhou somente a habilidade 606 em sua Prática de Pesquisa da Unidade 1. E, no que se refere aos volumes 2 e 6, os mesmos não apresentam e trabalham de modo em comum as habilidades e competências em foco.

As respectivas abordagens foram observadas para realizar a análise nos volumes e capítulos citados anteriormente, pretendendo identificar os textos, atividades e práticas de pesquisa que conseguiram, de maneira eficaz, promover discussões sobre cidadania entre os estudantes, contribuindo significativamente para o trabalho dos professores de Geografia no desenvolvimento do tema.

Quanto aos textos, foram identificados os seguintes aspectos: no Volume 1 (capítulo 3, página 33), o texto intitulado de “Índices Sociais”, traz de forma contextualizada a formação histórica desigual que ocorreu no Brasil, bem como a ideia de democracia social como uma utopia. Dessa forma, o texto consegue expor de forma relevante como a desigualdade ainda perdura. Além disso, incorpora gráficos que ilustram índices e dados de trabalhadores informais, o que auxilia de forma visual os estudantes a perceber a desigualdade que existe no mercado de trabalho brasileiro. Outro ponto crucial que foi observado no texto é a abordagem que o mesmo traz acerca das particularidades que o trabalho informal possui, tais como: precariedade e falta de seus direitos, por exemplo, o que ajuda o professor de geografia a mostrar a exclusão social e econômica da cidadania. Por último, ele também aborda sobre as cicatrizes do passado colonial do Brasil, o conseguindo relacionar com as desigualdades observadas nos dias atuais. É, portanto, através do referido texto que os estudantes conseguem compreender que o conceito de cidadania também possui influência das questões históricas, as quais culminam com a compreensão de que as desigualdades, tanto sociais como econômicas, podem afetar a cidadania e o seu envolvimento com a mesma. Nesse sentido, é possível

apresentar aos estudantes a importância acerca de direitos e oportunidades para todos os cidadãos.

No Volume 1 (capítulo 3, página 34), o texto denominado “Vulnerabilidade Social dos Negros”, aborda a vulnerabilidade social da população negra que existe no Brasil, principalmente no cenário das desigualdades raciais e sociais. Nesse sentido, os estudantes conseguem compreender no texto como a população afrodescendente é vítima dos trabalhos informais, a falta de acesso a serviços considerados básicos, além das grandes discrepâncias nos salários informais que os mesmos se submetem. A discussão sobre a cidadania evidencia a dessemelhança no acesso que essa população não consegue acerca de serviços básicos, tais como: educação, proteção social, moradia e saneamento básico. Portanto, o texto mostra como essas desigualdades possuem um grande poder de comprometer não somente as oportunidades de vida da população negra, mas também sua qualidade, o que corrobora de forma negativa para que estes não consigam usufruir sua cidadania de forma plena, uma vez que é direito dos mesmos. Sendo assim, incentiva os estudantes a pensarem criticamente e os impulsionam a realizar debates sobre o que significa ser cidadão em uma sociedade injusta.

No Volume 1 (capítulo 3, página 38), o texto designado “Políticas Públicas Para a Igualdade Racial”, trabalha de forma eficaz o conceito de cidadania ao conseguir abordar seu significado, em particular em relação com as políticas públicas no Brasil que são focadas em igualdade, em especial, a racial. O texto salienta as conquistas que o movimento negro conseguiu realizar, mostrando como as lutas dos mesmos conseguiram alcançar as políticas do país para tentar diminuir essa desproporção no que se referem as desigualdades raciais. E a partir daí buscar promover a inclusão no âmbito da sociedade, não somente para a sociedade atual, mas também para a futura. É possível observar durante as abordagens do texto sobre programas, leis e também instituições voltadas para essas igualdades, como as cotas que existem nas universidades, a História e a Cultura do povo Afro-Brasileiro e também da indígena no currículo das escolas e entre outras ações que são importantes. É através dessas medidas e lutas apresentadas durante o texto que os estudantes conseguem compreender que a cidadania pode ser exercida por meios de lutas por direitos e também por políticas públicas, além de também mostrar a relevância da criação de políticas. Sendo assim, o texto auxilia na reflexão acerca de como os estudantes podem exercer seus papéis como cidadãos e também como é indispensável ser ativo nas políticas sociais para viabilização de uma sociedade mais justa e igualitária, bem como entender as dificuldades de conseguir tais feitos para lutar por direitos iguais para todos.

Seguindo o Volume 3, (Capítulo 5, página 61), o texto intitulado de “Imigrantes, Refugiados e Xenofobia na Europa: A Nação Acolhe ou Exclui?”, evidencia a cidadania ao que se refere o contexto da imigração, uma vez que o mesmo dialoga sobre questões como Direitos Humanos, ao mencionar sobre os refugiados que saem dos seus países de origens, por causa das guerras, para a Europa em busca de melhores condições de vida, por enfrentar condições extremas de fome e consequentemente risco de morte, o que pode auxiliar os estudantes a refletirem acerca das questões do direito à vida e segurança, cujo são elementos fundamentais para a cidadania. Ademais, salientam a importância dos países prestarem apoio a pessoas em situações de vulnerabilidade, e abordam acerca da desigualdade, exclusão, xenofobia, os desafios que esses refugiados enfrentam, uma vez que o preconceito e a discriminação com essas pessoas afetam a inclusão delas dentro da sociedade e, por fim, mas não menos importante, a razão da responsabilidade internacional. Diante do exposto, se entende que o texto visa de forma coesa incentivar o professor de Geografia a estimular os estudantes a entenderem que o Estado não é o único responsável a acolher e garantir o direito de cidadão para os refugiados, como também quem pode ser considerado cidadão pleno e quem é excluído ou marginalizado tanto na esfera política e também social. Sendo assim, o texto evidencia um assunto considerado atual, assim como possibilita que os estudantes consigam refletir acerca dos direitos básicos dessas pessoas.

No Volume 3 (Capítulo 6, página 76), o texto do boxe “ação e cidadania”, intitulado de “De perto ninguém é normal (ou o “novo normal”) da autora Lilia Moritz Schwarcz, apresenta alguns pontos fortes sobre cidadania e que conseguem contribuir de forma significativa o entendimento dos estudante s sobre a mesma, uma vez que a autora aborda sobre a COVID-19 e como a mesma afetou a vida de várias pessoas, mas acima de tudo criticando a forma como somos inseridos em nossas bolhas e acabamos caracterizando o nosso “normal” para todas as pessoas de forma errônea, uma vez que vivemos em um país que muitas pessoas não possuem estruturas dignas para sobreviver. Em visto disso, o texto, ao ser bem orientado, consegue viabilizar com que os estudantes compreendam de modo crítica a desigualdade social, com ênfase acerca das diferenças sociais que podem ajudar os estudantes a reconhecer a importância da empatia e também da solidariedade, a fim de os fazerem refletir sobre a cidadania de maneira mais consciente.

No Volume 4 (Capítulo 2, página 26), o texto nomeado de “As Desigualdades no Território”, promove um debate sobre cidadania, possibilitando compreender o que a mesma significa, uma vez que aborda acerca das desigualdades territoriais e socioeconômicas no Brasil. É observado durante o texto que o mesmo apresenta as desigualdades que existem no território

e como eles podem acabar impactando a população em diferentes esferas fundamentais para todo cidadão, tais como, saúde, educação, lazer, transporte e também a cultura. Além disso, o texto salienta a segregação socioespacial e que a cidadania consegue ser mais difícil de ser exercida nos grupos que são vítimas de preconceito, como é o caso das mulheres, LGBTQIA+, negros e os idosos. O texto também evidencia através de gráficos a situação socioeconômica da população negra no Brasil, o que colabora para que os estudantes consigam refletir sobre como existem tantos entraves que acabam controlando de forma negativa o exercício da cidadania por essas pessoas, o que ajuda a explicar como isso pode acabar afetando tanto a qualidade de vida como as oportunidades desses grupos. Além disso, também mostra a ligação das desigualdades com o desenvolvimento econômico de uma região, o que os possibilita perceber como as políticas públicas possuem poder para continuar as desigualdades ou as combater. Em síntese, o texto promove debates sobre a cidadania e ajuda os estudantes a compreendê-la de modo a associá-la às condições socioeconômicas e territoriais.

No que se referem às atividades e como as mesmas trabalham a cidadania com os estudantes, foram observados os seguintes aspectos:

No Volume 1 (Capítulo 2, página 24), as questões 1, 2, 3 e 4 da Seção da Abertura de Capítulo, traz propostas que trabalham a cidadania de forma muito interessante ao utilizar perguntas que incentivam os estudantes a fazerem análise crítica e a reflexão sobre o racismo no Brasil. Essas questões levam os estudantes a interpretar a música "A Carne", da cantora Elza Soares, fazendo a associação dos seus versos a escravidão moderna e ao conceito de democracia racial de Gilberto Freyre. Além disso, ao questionar os estudantes sobre o significado do racismo, suas características e formas de combate, a atividade consegue trazer um debate sobre desigualdade e justiça social, o que pode incentivar a ter pensamento crítico e a participação. Sendo assim, as atividades não apenas transmitem conhecimento, mas também envolvem os estudantes no processo de análise e também na construção de argumentos.

No Volume 1 (Capítulo 3, página 40), a atividade 1 e 2 do boxe titulado “Atividades” promove a interpretação crítica de dados estatísticos, auxiliando os estudantes a entender as desigualdades presentes no Brasil por questões de raça, cor e também gênero. A atividade promove, ao mostrar dados reais para os estudantes, senso crítico para os mesmos, onde possibilita despertar a empatia e a força para lutar por uma sociedade mais justa, além de os auxiliar a iniciar os debates com dados factuais.

No Volume 1 (Capítulo 3, página 40-41), a atividade 9 do boxe denominado “Atividades” demonstra aos estudantes a importância de falar acerca dos quilombolas, pois permite que eles entendam acerca da importância dos seus espaços de resistências, tanto em seu

aspecto histórico como contemporâneo. Ademais, trabalha o respeito com a diversidade cultural, o encorajamento para que esses locais possam continuar sendo preservados, além de também os estimular a valorizar a luta por direitos.

No Volume 3 (Capítulo 5, página 62), a atividade de número 4 presente no boxe intitulado de “Interação”, mostra de modo eficaz o conceito de cidadania, uma vez que a mesma permite que o estudante faça conexão com a realidade no local em que os mesmos residem e as questões de outros países. Dessa forma, fazendo identificações próximas a si, os conectando mais sobre o assunto cidadania, além de também conseguir extrair dos mesmos uma reflexão crítica, pois podem refletir sobre as necessidades dos locais os quais habitam, juntamente sobre a desigualdade e injustiças da localidade, seja do bairro, cidade, estado ou até mesmo o próprio país, promovendo uma consciência fundamental para a sua formação enquanto cidadão. E, por fim, também pode promover ações vindas dos estudantes para que os mesmos consigam se manifestar em busca de direitos como cidadãos conscientes.

No Volume 3 (Capítulo 6, página 76), a atividade de número 1 integrante do boxe “ação e cidadania” estimula os estudantes a pensarem sobre o papel do Estado na sociedade em que estamos inseridos, a forma em que as políticas públicas podem ser ineficientes, prejudicando a vida dos cidadãos diretamente. Sendo assim, a atividade proporciona aos estudantes conseguirem compreender como o Estado tem uma grande responsabilidade na garantia dos direitos do seu povo.

No Volume 3 (Capítulo 6, página 76), a atividade de número 2, a qual faz parte do boxe “ação e cidadania” possibilita que os estudantes analisem as desigualdades e, assim, são incentivados a refletirem em soluções e de que modo podem promover a construção de uma sociedade mais justa e que pratique a inclusão.

No que diz respeito às Práticas de Pesquisa, verificamos que as competências e habilidades mais desenvolvidas se encontram nos Volumes 3 e 5. Contudo, o Volume 5 se destacou por trabalhar de forma mais eficiente as referidas práticas, não apenas o entendimento do tema, mas também na sua aplicação prática. Os aspectos de relevância identificados nessas Práticas de Pesquisa foram as seguintes: No Volume 5 (Unidade 1, páginas 46-47), a Prática de Pesquisa denominada “Mídias sociais como ferramenta para o empoderamento juvenil” trabalha tanto a compreensão dos estudantes sobre cidadania, como os incentivar a exercer a cidadania na prática. A atividade proposta na prática de pesquisa da unidade 1 instiga o protagonismo aos estudantes para serem agentes nas mudanças, à medida que os incentiva a criar canais de comunicação na internet, o que acaba auxiliando o entendimento deles acerca

de construir uma noção sobre a cidadania, os instigando a debater sobre questões importantes na esfera social e política.

Além disso, essa prática aborda sobre a interação social e da política ao instigar os estudantes analisarem como os jovens usam as redes sociais para questões sociais, incentivando a compreensão de como a cidadania consegue ser notável no dia a dia da sociedade, mostrando que ser cidadão é estar inteirado em debates e mobilizações, como também incentiva a explorar sobre os interesses do público juvenil na sociedade, mostrando como a cidadania é cercada de diferentes opiniões e, por fim, também apresenta como os assuntos voltados para cidadania nas redes sociais conseguem mobilizar para a construção da mesma.

Diante do exposto, as Práticas de Pesquisas propõem estimular os estudantes a criarem, de forma on-line, espaços de debates, além de incentivar os mesmos a refletirem acerca de que tipo de cidadãos eles estão se tornando. Sendo assim, segue no quadro 4, os textos, atividades e Práticas de Pesquisa que abordam a cidadania no referido material didático.

Quadro 4 - Textos, Atividades e Práticas de Pesquisa que abordam discussões de cidadania.

VOLUME E CAPÍTULO	TEXTOS	ATIVIDADES	PRÁTICAS DE PESQUISA
VOL. 1 – CAP. 2		Questões 1-4 (pág. 24)	
VOL. 1 – CAP. 3	"Índices Sociais", "Vulnerabilidade dos Negros" e "Políticas Públicas"	Ativ. 1, 2 e 9 (págs. 40-41)	
VOL. 3 – CAP. 5	"Imigrantes, refugiados e Xenofobia"	Ativ. 4 do boxe "Interação" (pág. 62)	
VOL. 3 – CAP. 6	"De perto ninguém é normal"	Ativ. 1 e 2 do boxe "Ação e Cidadania" (pág. 76)	
VOL. 4 – CAP. 2	"Desigualdades no Território"		
VOLUME 5			"Mídias sociais e empoderamento juvenil"

Fonte: Corrêa, *et al.*, (2020).
Elaboração: Larissa Lira Rocha, 2024.

Se notou, portanto, que embora os recursos apresentados consigam mostrar e trabalhar temas significativos e atuais relacionados à cidadania, os mesmos por vezes se encontram de forma dispersa, evidenciando uma necessidade de maior integração e ampliação dessas práticas para promover um engajamento mais robusto acerca da cidadania ao longo da coleção.

Durante a análise da coleção, a presença de atividades que traziam temas sobre racismo mostrou o quanto essas questões são fundamentais para a formação de uma cidadania crítica e

inclusiva. A partir dessa observação, surgiu o interesse em aprofundar essa discussão com os estudantes, por meio de atividades e questionários que os levassem a refletir sobre suas próprias percepções e experiências em relação ao racismo, como também de os fazer pensar como cidadãos conscientes. Essa reflexão fundamentou a proposta de intervenção pedagógica desenvolvida posteriormente, que será detalhada no próximo capítulo.

5. ABORDANDO O RACISMO E PRECONCEITO VISANDO A FORMAÇÃO CIDADÃ NAS AULAS DE GEOGRAFIA

É de conhecimento geral que a cidadania garante o acesso a direitos, a liberdade de expressão, a igualdade de oportunidades e o respeito à diversidade, diante disso, se entende que o racismo é um sistema que fere esses princípios fundamentais na cidadania, sendo assim, ele funciona como um grande influenciador da exclusão, na qual impede parte da população, especialmente a população negra, de exercer plenamente esses direitos. Diante dessa problemática, vir a discutir tais questões em sala de aula não é apenas um exercício de consciência com os estudantes, mas um passo necessário para a construção de uma geração cidadã que precisa formar uma sociedade verdadeiramente mais justa, crítica e democrática.

Partindo desse pressuposto, e reconhecendo que o pleno exercício da cidadania só acontece quando todos tem seus direitos garantidos com igualdade e que é de extrema importância que os estudantes saibam acerca do que a população negra sofre em seu cotidiano. Nesta perspectiva, iremos a seguir discutir a realização de quatro aulas sobre o tema e duas atividades ao longo da pesquisa, assim como, os resultados oriundos de dois questionários efetuados com os estudantes sujeitos da pesquisa.

5.1 Evidenciando o Racismo e Preconceito nas Aulas de Geografia

Neste subcapítulo, iremos apresentar como se deu o desenvolvimento das aulas acerca do racismo e preconceito, além da realização de duas atividades efetuadas em quatro aulas de Geografia com a turma do 1º Ano C de uma escola pública em Maceió/AL, juntamente com a aplicação de dois questionários com os estudantes sujeitos da pesquisa.

O intuito das aulas foi introduzir os conceitos de racismo, racismo estrutural, preconceito racial e discriminação racial, visando promover uma reflexão crítica e contribuir para a formação cidadã dos estudantes ao os fazer refletir sobre as temáticas. Para isso, também foram propostas duas atividades, onde a primeira, extraída do livro didático *Ser Protagonista* e intitulada como "*Existe racismo no Brasil?*", teve como objetivo avaliar as percepções dos estudantes sobre o tema racismo estrutural, e a segunda, intitulada como "*Barrados no Baile: Se você cala, quem fala?"*, buscou aprofundar a discussão sobre os conceitos de racismo, preconceito racial e discriminação racial apresentados em aula através da música Barrados no Baile de Edson Gomes, a fim de analisar as opiniões dos estudantes frente a essas situações. Além disso, dois questionários foram aplicados para complementar a análise.

Em relação ao Plano de Aula 1, destaca-se o quadro 5.

Quadro 5 - Plano de Aula 1.

Nº de aulas	2 aulas (50 minutos cada)
Conteúdo	Racismo e Racismo Estrutural
Objetivos	- Compreender os conceitos de racismo e racismo estrutural, mostrando suas manifestações e impactos na sociedade brasileira; - Analisar como esses sistemas afetam a cidadania da população negra; - Estimular a reflexão crítica dos estudantes sobre os impactos desses fenômenos.
Competência de CHSA	Identificar e combater as diversas formas de injustiças, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos.
Habilidade (EM13CHS502)	Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas, etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais.
Habilidade (EM13CHS504)	Analisar e avaliar os impasses ético-políticos decorrentes das transformações, culturais, sociais, históricas, científicas e tecnológicas no mundo contemporâneo e seus desdobramentos nas atitudes e nos valores dos indivíduos, grupos sociais, sociedades e culturas.
Metodologia	**1.** Iniciar um debate sobre o conteúdo com a turma. **2.** Explicar sobre os conceitos e o contexto histórico. **3.** Aplicação da atividade e questionário.
Materiais	- Quadro e piloto; - Caixa de som; - Atividade impressa do livro *"Existe Racismo no Brasil?";* - Questionário 1 impresso.
Avaliação	- Participação e envolvimento dos estudantes; - Respostas da atividade e do questionário proposto.
Referências	CORRÊA, J. *et al.* **Ser protagonista**: Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. 1. ed. São Paulo: Edições SM, 2020. SÃO PAULO. *São Paulo contra o racismo: aspectos legais e ações afirmativas*. São Paulo: Secretaria da Justiça e Cidadania, 2021.

Elaboração: Larissa Lira Rocha, 2025.

A aula 1 teve início com um debate, na qual os estudantes foram convidados a compartilhar o que compreendem sobre racismo, e como esse tema já apareceu em seu cotidiano. Esse primeiro momento foi essencial para valorizar a escuta e incentivar o diálogo entre os estudantes, no começo eles parecerem um pouco tímidos, mas logo começaram a se soltar e falar o que achavam do assunto, a qual compartilharam alguns relatos que já viram na internet ou como a sociedade ainda persiste nesse padrão de "endeusar" pessoas brancas, de acordo com os mesmos. Logo após, foi iniciada uma contextualização sobre o que é o racismo e o racismo estrutural e a persistência dessa problemática no país, afim de que eles pudessem ter uma compreensão mais aprofundada sobre esses conceitos.

Em seguida na Aula 2, foi apresentado a primeira atividade, a qual foi retirada do livro didático, intitulada de *"Existe racismo no Brasil?"*, que aborda uma pequena contextualização histórica da abolição da escravidão, os fazendo refletir sobre a persistência da desigualdade racial, essa atividade também propunha a análise da música *"A Carne"*, cantada por Elza

Soares. Para melhor compreensão, além de ler os trechos da canção, ela também foi ouvida com o auxílio de uma caixinha de som e, após a ouvirem, foi proposto uma discussão sobre os significados e mensagens que a letra quer transmitir, conectando a realidade apresentada na música com os debates levantados pelo pequeno texto que a atividade do livro traz.

Figura 1 - Aplicação da atividade e questionário.



Fonte: Arquivo pessoal do autor, 2025.

Ao final da Aula 2, foi aplicado o primeiro questionário com perguntas abertas, que permitiu aos estudantes a refletirem individualmente sobre o que foi discutido, além de possibilitar uma análise mais detalhada sobre o nível de compreensão da turma e as suas opiniões.

No que se refere ao Plano de Aula 2, ressalta-se o quadro 6.

Quadro 6 - Plano de Aula 2.

Nº de aulas	2 aulas (50 minutos cada)
Conteúdo	Racismo, Preconceito racial e Discriminação racial
Objetivos	- Diferenciar os conceitos de preconceito racial, discriminação racial e racismo, compreendendo suas especificidades e relações; - Estimular os estudantes a compartilharem vivências e reflexões pessoais sobre situações de exclusão, preconceito ou discriminação; - Avaliar a compreensão dos estudantes sobre os temas discutidos.
Competência de CHSA	Identificar e combater as diversas formas de injustiças, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos.
Habilidade (EM13CHS502)	Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas, etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais.
Habilidade (EM13CHS504)	Analisar e avaliar os impasses ético-políticos decorrentes das transformações, culturais, sociais, históricas, científicas e tecnológicas no mundo contemporâneo e seus desdobramentos nas atitudes e nos valores dos indivíduos, grupos sociais, sociedades e culturas.

Metodologia	**1.** Retomar a discussão sobre a aula anterior**. 2.** Apresentar os conceitos de preconceito racial e discriminação racial. **2.** Aplicar a atividade e o questionário.
Materiais	- Quadro e piloto; - Caixa de som; - Atividade impressa *"Barrados no Baile: Se você cala, quem fala?";* - Letra da música Barrados no Baile, de Edson Gomes, impressa; - Questionário 2 impresso.
Avaliação	- Participação e envolvimento dos estudantes; - Respostas da atividade e do questionário proposto.
Referências	SÃO PAULO. *São Paulo contra o racismo: aspectos legais e ações afirmativas*. São Paulo: Secretaria da Justiça e Cidadania, 2021.

Elaboração: Larissa Lira Rocha, 2025.

Seguindo o Plano de Aula 2, realizamos a Aula 3, iniciando com uma retomada breve dos conceitos do encontro anterior, os reforçando e introduzindo o novo conteúdo com uma pergunta: "Vocês já ouviram falar sobre os termos Preconceito Racial e Discriminação Racial?*"*. A partir disso, os estudantes começaram a expor suas ideias sobre o que foi perguntado e começaram um debate, posteriormente, foi apresentado a eles a explicação de cada conceito para que conseguissem fazer a atividade e o questionário com uma base clara sobre o tema, além de os fazerem refletir se já os presenciaram em algum momento da sua vida. Logo em seguida foi feito o repasse da letra da música impressa "*Barrados no Baile*", de Edson Gomes, e a escuta da mesma, com o auxílio da caixinha de som. A letra da música foi utilizada como ponto de partida para discutir o impacto emocional e social do preconceito racial e discriminação racial.

Figura 2 - Estudantes respondendo a atividade e questionário.



Fonte: Arquivo pessoal do autor, 2025.

Dando continuidade, após a escuta e discussão da música, iniciamos a Aula 3, com a atividade reflexiva com perguntas abertas, intitulada de *"Barrados no Baile: Se você cala, quem fala?"*, na qual os estudantes foram convidados a refletir sobre o significado simbólico de "ser barrado" e como os crimes de preconceito racial, discriminação racial e racismo impactam

diretamente a vida das pessoas negras. A atividade também incentivou a proposta de ações concretas que possam ser realizadas tanto na escola quanto na comunidade para combater essas práticas.

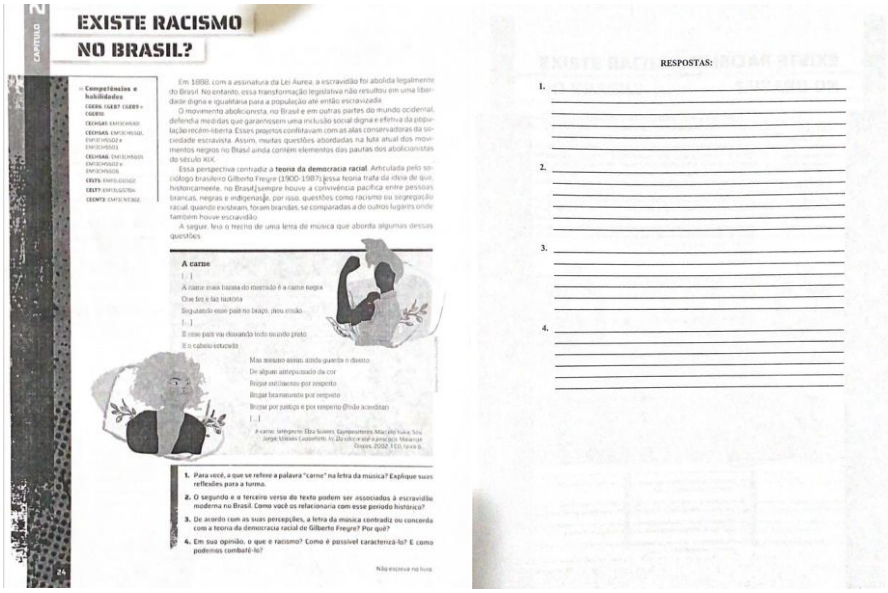
Por fim, foi aplicado o segundo questionário com perguntas abertas e uma híbrida, que também serviu como instrumento avaliativo e reflexivo. O questionário possibilitou que os estudantes expressassem suas perspectivas sobre os conceitos discutidos, relatassem experiências ou percepções.

5.2 A opinião dos estudantes do 1º ano do Ensino Médio frente ao Racismo e ao Preconceito

Neste subcapítulo, iremos salientar a opinião dos estudantes acerca do racismo e preconceito no Brasil com a população negra, através da aplicação de duas atividades e questionários com os mesmos, assim como a análise das respostas, onde ambas as atividades possuem 4 questões e ao que se refere os questionários, o primeiro possui 6 perguntas e o segundo 5 perguntas. Participaram os estudantes de uma turma de 25 alunos, a qual responderam às perguntas, sendo a maioria, dissertativas. A partir das respostas, foi possível identificar como os estudantes compreendem o racismo e de que maneira reconhecem suas consequências.

Na atividade 1, foi apresentado um texto contextualizando a questão histórica da abolição da escravidão, incluindo a teoria da democracia racial, apresentada pelo sociólogo Gilberto Freyre. Em seguida, foram apresentados alguns versos da música “A Carne”, de Elza Soares, que abordam essas questões de forma impactante. O objetivo era estimular os estudantes a refletirem e responderem as quatro questões propostas, que abordam temas como racismo, formas de os identificar e combater, além de também os fazerem refletir sobre as consequências da escravidão. Vale salientar que dentre os 25 estudantes, somente 12 responderam a primeira atividade, porém, dentre esses 12 nem todos responderam todas as questões. Sendo assim, na primeira questão 12 responderam, na segunda questão 10 responderam, na terceira e quarta questão apenas 11 responderam.

Figura 3 - Existe racismo no Brasil?



Fonte: Corrêa, *et al.*, (2020).

A primeira questão da atividade 1 solicitava aos estudantes participantes da pesquisa que interpretassem o significado da palavra “carne” presente na letra da música “A Carne”, de Elza Soares. Sendo assim, o quadro 7 evidencia as respostas de 12 estudantes.

Quadro 7 - Respostas dos estudantes sobre a interpretação da palavra “carne” na música.

E1. Pele
E2. A palavra "carne" faz jus aos serviços feito pelos povos negros, que eram sem valor e de fácil acesso, como uma carne barata sendo vendida em um mercado ou loja.
E3. Na minha opinião, significa que pessoas negras no mundo em que vivemos tem menos valor que pessoas brancas.
E4. Para mim, "a carne", na letra da música, se refere a cor, cabelo e etc.
E5. A palavra "carne" refere-se a carne negra se pararmos para observar, muitas pessoas negras não tiveram a sorte de fazer uma faculdade ou terminar os estudos, muitos não podem trabalhar de carteira assinada, e os "empregos" que conseguem sempre querem pagar menos.
E6. Quer dizer que as pessoas negras até hoje elas continuam sendo discriminadas pela cor da pele.
E7. Para mim, carne é pele e que ao meu ver ela fez uma crítica indireta ao racismo, e realiza o trabalho e importância negra na nossa história.
E8. Refere-se a pessoa negra, compara as cores, fala de um jeito que as pessoas brancas valessem mais do que as pessoas pretas.
E9. As pessoas negras até os dias atuais continuam sendo desprezadas e sendo vítimas do racismo.
E10. É sobre o racismo, ela fez uma música sobre ele.
E11. Se refere às pessoas de pele negra.
E12. Refere-se às pessoas negras e à comparação de cores.

Fonte: Pesquisa Direta, 2025.
Elaboração: Larissa Lira Rocha, 2025.

Dos 12 estudantes, 8 deles interpretou a palavra "carne", no contexto da música, como uma metáfora para a população negra, isso indica uma leitura que faz uma associação com a

desvalorização e também mercantilização dessa população. Dois dos estudantes foram além, associando a palavra com a condição histórica ou social da população negra no Brasil, evidenciando a exploração e o racismo estrutural.

As respostas revelam que os estudantes foram capazes de compreender a proposta da música, que era a de estabelecer relações entre o corpo negro e as diversas formas de exclusão que essa população sofre. O uso da palavra “carne” como sinônimo de “pele” ou de “cor” também mostra a interiorização de um discurso crítico, ainda que em níveis diferentes de aprofundamento. Essa noção nos mostra o entendimento de que o corpo negro é, historicamente, visto como “carne barata”, o que interfere profundamente no direito da dignidade e da liberdade, como bem pontua o estudante de número 2.

Ao entenderem que pessoas negras continuam sendo tratadas como “produto barato”, os estudantes mostram sensibilidade com a ideia de que o racismo não é apenas uma questão moral, mas sim um grande influenciador na negação de direitos básicos. Nesse sentido, a metáfora da carne aponta para a cidadania fragmentada vivida por pessoas negras, onde o valor simbólico e social ainda é colocado em risco.

A segunda questão da atividade 1 buscava verificar se os estudantes identificavam elementos da chamada “escravidão moderna” na letra da música, especialmente nos versos que fazem referência ao papel do povo negro na construção do nosso país.

Quadro 8 - O segundo e o terceiro verso do texto pode ser associados à escravidão moderna no Brasil. Como você os relacionaria a esse período histórico?

E1. A diferença é que antigamente os negros eram totalmente presos ao trabalho para não ganhar o mínimo.
E2. O preconceito que era e que é um problema até os dias de hoje, mesmo com a abolição da escravidão, sendo o serviço sendo prestado pelos negros nesse período, que teve e tem sido de tal importância até os dias de hoje.
E3. Não, pois não mudou a cor, continuam sem receber e etc.
E4. A escravidão foi abolida legalmente no Brasil, no entanto, essa transformação legislativa não resultou em uma liberdade digna e igualitária para a população até então escravizada.
E5. Que negros fizeram história no Brasil e que eles ficaram segurando esse país.
E6. O racismo continua, porém de forma secreta e "descarada" em relação ao que era antes, porém não deixa de ser uma ideia ridícula e que deve ser combatida e que não devemos achar que por abolição do racismo em alguns sentidos, tipo: escravidão, diferença de direito e etc.
E7. Para mim, o segundo verso da música e o terceiro fala sobre a resistência desde as épocas mais antigas até agora e que sofrem racismo, porém de outras formas.
E8. "Que fez e faz história", está associada aos tempos de escravidão que até os dias de hoje está presente no Brasil. "Segurando esse país no braço" relacionados a pessoas negras que ainda podem ser vítimas de trabalho escravo.
E9. Sim, porque assim como antigamente as pessoas continuam tendo discriminação social na sociedade.

E10. Para mim, o racismo de hoje em dia está diferente do racismo de antigamente, hoje em dia as pessoas usam as redes sociais, apelidos e brincadeiras sem noção e antigamente as negras eram escravizadas.

Fonte: Pesquisa Direta, 2025.
Elaboração: Larissa Lira Rocha, 2025.

Dos 10 estudantes que responderam, 2 fizeram conexões entre o passado escravocrata e as práticas contemporâneas de exploração e desigualdade, mesmo que de forma simples, reconhecendo que, embora a escravidão tenha sido formalmente abolida, suas consequências ainda aparecem por meio do racismo estrutural, das desigualdades e da exploração da população negra. O estudante de número 4, destacou que a abolição legal não resultou em liberdade digna e igualitária, o que nos mostra que ele reconhece a permanência das desigualdades históricas, o que é um passo importante pra formação e desenvolvimento da consciência crítica.

Entretanto, a análise dessas respostas nos mostra, de forma geral, que 6 estudantes entendem a escravidão como um fenômeno que se atualiza ao longo do tempo, mantendo diferentes formas, mas mantendo sua essência opressora.

No que se refere a terceira questão da atividade 1, foi proposto aos estudantes que comparassem a mensagem da música com a teoria da democracia racial de Gilberto Freyre.

Quadro 9 - De acordo com as suas percepções, a letra da música contradiz ou concorda com a teoria da democracia racial de Gilberto Freyre? Por quê?

E1. Discorda, porque no Brasil tem muitas pessoas que separam os negros da sociedade, as pessoas estranham negros na sociedade de hoje em dia.
E2. Contradiz, pelo ponto de vista do governo, que acredita que povos brancos, negros e indígenas vivessem sem discriminação, fugindo totalmente da realidade empregada.
E3. Contradiz, pois a música afirma que pessoas negras sofrem muito no dia a dia.
E4. Em minha opinião, a música não tem nada a ver com a teoria.
E5. Eu discordo, porque a teoria fala que "sempre houve convivência pacífica entre pessoas brancas, negras e indígenas" e a música que houve racismo.
E6. Contradiz, a música reforça a importância negra na história e combate ao racismo, a ideia de Gilberto Freyre é que o racismo já passou, o que sabemos que é o contrário.
E7. Elas se contradizem, porque a teoria fala que no Brasil sempre teve convivências pacíficas entre pessoas brancas, negras e indígenas.
E8. Não, pois o racismo sempre foi e sempre será um crime grave, já que o preconceito é algo intolerável independente do caso.
E9. Sim, sempre houve a convivência entre pessoas negras e brancas.
E10. Ela contradiz, porque a teoria do Gilberto Freyre fala que as pessoas de pele branca, negros e indígenas sempre tiveram uma convivência pacífica e na música, ela fala que as pessoas negras são mais desprezadas.
E11. Sim, elas se contradizem porque na teoria trata-se da ideia que sempre houve a convivência pacífica entre pessoas brancas, negras e indígenas.

Fonte: Pesquisa Direta, 2025.
Elaboração: Larissa Lira Rocha, 2025.

Dos 11 que responderam, 9 estudantes consideraram que se tem uma contradição entre ambos, o que nos indica que perceberam que a música denuncia o racismo cotidiano e estrutural, enquanto a teoria propõe uma convivência pacífica entre brancos, negros e indígenas no Brasil.

Essa contradição mostrada pelos mesmos mostra a ideia de que o mito da democracia racial contribui para o apagamento das desigualdades que ainda existem, mascarando a exclusão histórica e atual da população negra. Quando os estudantes rejeitam essa teoria, eles mostram uma percepção crítica do discurso oficial e revelam consciência de que ainda existe desigualdade racial.

Por fim, a quarta e última questão da atividade 1 solicitava que definissem racismo, identificassem suas manifestações e sugerissem formas de o combater.

Quadro 10 - Em sua opinião, o que é racismo? Como é possível caracterizá-lo? E como podemos combatê-lo?

E1. Forma de atacar verbalmente ou invisivelmente, um valor ou características de uma pessoa pela padronização de pessoas brancas, implementando um viés de igualdade entre peles.
E2. Ao meu ver, o racismo e o preconceito com pessoas negras são associados a perseguição e etc e podemos combatê-lo.
E3. Racismo é quando a pessoa é discriminada por causa da cor ou por causa do cabelo. Na minha opinião, cada um deveria cuidar da sua vida.
E4. Racismo é a discriminação pela cor da pele, o racismo é praticado verbalmente e através de agressão e podemos evitar com campanhas, palestras e cartazes.
E5. Racismo é um preconceito com a cor da pele, cultura ou sua descendência. Podemos combater fazendo a justiça, ou seja, fazer as punições corretas.
E6. Discriminação através da etnia ou cor da pele, e ele acontece através da sociedade, mídias, ideias criadas pela sociedade quando menores por responsáveis. Acho que não há uma forma de combater mais, mas devemos conscientizar o máximo de pessoas que der.
E7. Racismo é a discriminação pela cor e etnia, por apelidos maldosos sobre a cor ou etnia, por exemplo "macaco" e o melhor jeito de combater é com punições mais eficientes.
E8. O racismo é um preconceito que está presente até os dias atuais que sofrem ou que já sofreram o racismo. Podemos combater o racismo simplesmente deixando de sermos preconceituosos e viver em harmonia com todas as pessoas que são vítimas do racismo.
E9. É sobre a cor das pessoas, sobre a vida financeira.
E10. Racismo é quando a pessoa zomba do tom de pele de outra pessoa. Prendendo as pessoas que cometem racismo com alguém.
E11. Racismo é a discriminação pela cor, por apelidos e brincadeiras sem graça. Com punições.

Fonte: Pesquisa Direta, 2025.
Elaboração: Larissa Lira Rocha, 2025.

As respostas indicaram que os 11 estudantes entendem o racismo como preconceito e discriminação, onde 8 falaram que é baseada na cor da pele e na etnia, apesar de alguns demonstrarem uma certa dificuldade em elaborar a resposta por falta de aprofundamento teórico. Entretanto, isso nos mostra um desenvolvimento de consciência sobre o assunto. 6 estudantes demonstram entender que o mesmo se manifesta por meio de ofensas, perseguição

ou violência. As sugestões de enfrentamento são diversas, desde punições legais mais severas, campanhas de conscientização até a promoção de respeito mútuo.

O fato de alguns estudantes sugerirem conscientização e punições, como os estudantes 4 e 5, fica claro que, para eles, o combate ao racismo é também um caminho para garantir a cidadania de pessoas negras.

Vale salientar que a resposta do estudante 6 é especialmente relevante por trazer um tom mais crítico, já que ele percebe o racismo como um problema enraizado na sociedade, naturalizado desde a infância, e que talvez nem seja totalmente possível se livrar desse tipo de sistema de opressão, mas que exige conscientização**.** Isso nos mostra um pensamento mais maduro e realista sobre os desafios que são enfrentados.

Além disso, quando os estudantes defendem as punições, leis mais rigorosas ou ações educativas, estão, mesmo sem saber, trazendo a ideia de que a cidadania precisa ser garantida também pelo Estado e pelas instituições**,** não apenas por boas intenções. Isso demonstra de que viver em sociedade se precisa de um compromisso coletivo com a igualdade racial, por exemplo.

Logo em seguida também foi entregue o primeiro questionário, que contém 6 questões, assim como será exposto e discutido logo abaixo. Esse primeiro questionário teve o intuito de analisar se os estudantes entenderam sobre o que é racismo estrutural, se já presenciaram ou sofreram, ou seja, a proposta era incentivar a expressão de opiniões de forma aberta e estimular o pensamento crítico. Todos os 12 estudantes responderam a todas as questões do questionário.

A primeira questão indagava sobre o que eles entendiam sobre racismo estrutural, e as respostas se fundamentaram da seguinte forma, de acordo com o quadro 11.

Quadro 11 - O que você entende por racismo estrutural?

E1. É o racismo que está impregnado na sociedade há muito tempo.
E2. É um tipo de racismo grande como os outros, porém de forma escondida.
E3. É um conjunto de hábitos, situações e falas presentes no dia a dia do ser humano.
E4. A forma com que o racismo está ligado à sociedade.
E5. É quando o racismo está enraizado na sociedade.
E6. Não entendo.
E7. É quando o racismo está presente em toda a sociedade.
E8. É algo que está nas raízes da sociedade desde sempre.
E9. Quando o racismo está em toda sociedade.
E10. Que o racismo estrutural está vivo em toda sociedade, mercado de trabalho e etc.
E11. É a forma com que o racismo está enraizado na sociedade.
E12. É quando o racismo está presente em toda sociedade.

Fonte: Pesquisa Direta, 2025.
Elaboração: Larissa Lira Rocha, 2025.

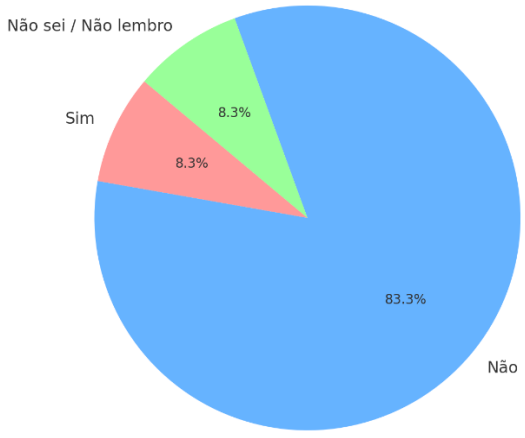
Dos 12 estudantes que responderam, 11 demonstrou compreender que o racismo estrutural é um sistema que é mais do que atitudes individuais e está enraizado na sociedade. Eles usaram termos como "impregnado", "enraizado", "nas raízes da sociedade" e "presente em toda a sociedade", indicando que identificam o racismo como um sistema e que ele é persistente.

Porém, se nota que a profundidade dessa compreensão é diversificada. Alguns estudantes resumem o racismo estrutural como "um tipo de racismo escondido", como o estudante de número 2, o que pode acabar indicando a percepção de que ele não é sempre visível, mas ainda assim é perigoso e poderoso. A resposta do estudante de número 6, onde diz "não entendo", também é significativa, porque nos mostra que, apesar da vivência em uma sociedade desigual, a linguagem acadêmica ou crítica sobre racismo pode não estar suficientemente acessível a todos os estudantes.

Em relação à cidadania, a compreensão do racismo estrutural é crucial, pois ele atua como um obstáculo invisível, mas eficaz, na negação de direitos. Quando a estrutura da sociedade privilegia determinados grupos e marginaliza outros, os indivíduos negros enfrentam barreiras para ter acesso a direitos civis, políticos e sociais, ou seja, para viver uma cidadania plena. Nesse sentido, é necessário fazer com que os estudantes entendam sobre esse termo para que reflitam acerca de que dificuldade eles ou pessoas próximas a eles podem estar enfrentando.

A segunda questão do questionário 1 refere-se se aos estudantes que já presenciaram ou sofreram racismo estrutural, a fim de observar ou até mesmo os aproximar sobre o tema. As respostas da turma foram as que o Gráfico 1 apresenta.

Gráfico 1 - Resposta dos estudantes se já presenciaram ou sofreu racismo estrutural.



Fonte: Pesquisa Direta, 2025.
Elaboração: Larissa Lira Rocha, 2025.

Nessa questão, a maioria afirmou que não presenciou ou sofreu racismo estrutural. Algumas respostas demonstraram dúvidas, onde eles responderam com "não me recordo" ou "eu acho", o que mostra uma dificuldade em identificar experiências de racismo estrutural no dia a dia.

Essa dificuldade pode ser interpretada de duas formas, a primeira é a naturalização do racismo, onde muitos estudantes podem vivenciar desigualdades sem as associar ao racismo estrutural, por estarem inseridos onde tais situações se tornaram “normais”, e a outra é a falta de repertório crítico para dar nome a essas experiências, porque ainda que eles percebam injustiças, podem não ter o vocabulário ou a segurança para as interpretar como racismo estrutural.

Isso nos mostra como o não reconhecimento do racismo dificulta a reivindicação de direitos, o que compromete o exercício da cidadania. Quando o sujeito negro não identifica o racismo, ele também não se vê como vítima de uma estrutura desigual.

No que se refere a terceira questão do questionário 1, foi perguntado aos estudantes sobre quais os aspectos da realidade da população negra eles conseguem perceber atualmente, e as respostas foram as que constam no quadro 12.

Quadro 12 - A música "A carne" retrata uma realidade sobre a população negra no Brasil. Quais aspectos dessa realidade você percebe atualmente?

E1. Que as pessoas hoje em dia também sofrem racismo como antigamente, mas de jeitos diferentes
E2. Que continuam lutando
E3. As pessoas de hoje em dia sofrem sim racismo, só que de formas diferentes
E4. Preconceito e desvalorização as pessoas negras
E5. Percebo que a maioria das pessoas negras recebem menos do que as pessoas brancas
E6. A música fala sobre as coisas que estão acontecendo no mundo, o povo faz racismo só por causa da cor
E7. A desigualdade social, entre muito mais coisas
E8. A desigualdade
E9. Racismo e injustiça
E10. Mortes, a partir de preconceitos, perseguição, brigas e etc...
E11. A desvalorização e o preconceito com o povo negro.
E12. Mercado de trabalho

Fonte: Pesquisa Direta, 2025.
Elaboração: Larissa Lira Rocha, 2025.

As respostas dos 12 mostram que os estudantes reconhecem, os efeitos atuais do racismo na vida da população negra. Termos como "preconceito", "desvalorização", "desigualdade", "mortes", "injustiça", "perseguição", "mercado de trabalho" revelam que eles conseguem perceber a permanência do racismo em diferentes dimensões, desde o mercado de trabalho até desigualdade social, por exemplo.

Essas respostas indica uma capacidade de articulação entre o conteúdo trabalhado na música e a realidade. Os estudantes fazem conexões entre arte e vida cotidiana, o que é um indício de desenvolvimento do pensamento crítico.

Quando percebem que pessoas negras são desvalorizadas e marginalizadas, eles reconhecem que a cidadania dessa população é constantemente violada em vários âmbitos da sociedade, seja no direito delas ao trabalho digno, a vida ou a representatividade social.

Na quarta questão do questionário 1, se busca entender as percepções que os estudantes tem sobre os efeitos do racismo na vida da população negra, buscando entender se os mesmos se solidarizam sobre a temática e o que eles acham sobre isso.

Quadro 13 - Você acha que o racismo pode afetar as oportunidades e a qualidade de vida das pessoas negras? Se sim, de que forma?

E1. Sim, em trabalhos, entrevistas de empregos
E2. Sim, através de medo, traumas que podem ser causados pelo racismo e discriminação em empregos
E3. Sim, em empregos e entrevistas de trabalho
E4. Sim, pois essas pessoas podem perder grandes oportunidades de emprego e etc, e elas podem até ficar traumatizadas, dependendo da situação
E5. Sim, pois pode afetar o psicológico da vítima
E6. Sim, causando ansiedade ou depressão
E7. Sim, pois pode afetar em entrevistas de trabalho, na escola e universidade, nos negócios e muito mais
E8. Sim, pode afetar o psicológico da pessoa que sofreu racismo
E9. Sim, na forma financeira ou pessoal
E10. Sim, pois podem ser acusadas por algo que não fizeram e manchar a sua imagem
E11. Sim, pelo senso de desigualdade posto na cabeça das pessoas
E12. Sim, pode causar inseguranças, ansiedade e até depressão

Fonte: Pesquisa Direta, 2025.
Elaboração: Larissa Lira Rocha, 2025.

No quadro 13, existe um consenso entre todos os estudantes, onde eles notam que o racismo afeta diretamente as oportunidades e a qualidade de vida da população negra. As formas apontadas são diversas, indo desde acesso ao mercado de trabalho, educação e saúde mental, até impactos na autoestima e no bem estar psicológico.

3 dos estudantes destacam que o racismo pode causar medo, ansiedade, depressão e insegurança, e outros 6 mencionam que ele pode afetar até em ambientes escolares e profissionais. Se observa também, na resposta da estudante 10, o reconhecimento de que pessoas negras podem ser acusadas injustamente e ter suas imagens manchadas, o que demonstra sensibilidade com a violência que impede uma vivência cidadã plena.

A quinta pergunta do questionário 1 buscou compreender o que os estudantes entendem sobre o papel da mídia na perpetuação ou no combate ao racismo. A intenção foi os incentivar

a ter uma reflexão crítica sobre como a representação, ou a falta dela, de pessoas negras em filmes, novelas, noticiários, comerciais e redes sociais podem influenciar comportamentos, reforçar estereótipos ou, ao contrário, contribuir para o fortalecimento da identidade negra.

Essa discussão é importante dentro do contexto da cidadania, uma vez que a mídia possui forte influência na formação de opiniões, valores e atitudes sociais. Quando ela reforça imagens negativas ou invisibiliza a população negra, contribui para a negação simbólica de direitos.

Quadro 14 - Como a mídia pode influenciar na perpetuação ou no combate ao racismo na sociedade? Dê exemplos.

E1. Pode influenciar de maneiras boas, como personagens negros em filmes e séries
E2. Através de compartilhação, post em redes sociais
E3. As pessoas podem usar as redes sociais para combater o racismo ao invés de usá-las para atacar as pessoas negras
E4. Sim, dando maior visibilidade ao racismo nas mídias, e mais filmes com protagonistas ou personagens negros
E5. Sim, pois pode influenciar com a divulgação de modelos brancos ao invés de modelos negros
E6. Sim, fazendo vídeos para explicar sobre o racismo
E7. Mostrando mais acolhimento, mais ações contra o racismo e mais ONGs de ajuda contra isso
E8. Colocando mais personagens principais negros e dando mais visibilidade para os casos de racismo que resultam em prisão
E9. Com palavras inadequadas, formas erradas de divulgação e etc.
E10. Deixando de passar a imagem de que todo preto é favelado
E11. Divulgando e idealizando pessoas negras
E12. Com posts falando sobre o assunto, vídeos e etc.

Fonte: Pesquisa Direta, 2025.
Elaboração: Larissa Lira Rocha, 2025.

A resposta de 1 dos estudantes mostra o reconhecimento do duplo papel da mídia, isso é, tanto como espaço de combate ao racismo quanto como possível perpetuadora de ataques. Enquanto isso, 5 estudantes dão exemplos de formas de valorização de personagens negros, divulgação de casos de racismo ou uso das redes sociais para denunciar preconceitos.

Há também uma crítica direta na forma como a mídia às vezes mostra as pessoas negras, as associando com criminalidade ou com a pobreza, como se pode observar na resposta do estudante de número 10, o que é uma percepção extremamente relevante.

Na sexta e última pergunta do questionário 1, a mesma buscou investigar o impacto pedagógico sobre a música “A carne”, a fim de saber a percepção dos estudantes sobre o racismo. A música, nos traz reflexões profundas sobre a marginalização histórica da população negra no Brasil, abordando temas como a desvalorização da vida negra, a invisibilidade social e o racismo estrutural. O objetivo foi sensibilizar os estudantes e estimular a compreensão crítica de como o racismo opera de forma cotidiana.

Quadro 15 - A atividade "Existe racismo no Brasil?" ajudou você a compreender o racismo? De que forma?

E1. Não
E2. Sim, valorizou uma ideia já pensada por mim
E3. Não, pois eu já sabia sobre o racismo
E4. Sim, com isso pude compreender mais sobre o racismo.
E5. Sim, mostrou que as negras são muito desvalorizadas na sociedade
E6. Sim, pois a música me mostrou a realidade do racismo
E7. Sim, ajudou a compreender que o negro não é apenas uma carne
E8. Não ajudou muito
E9. Sim, pela forma que tratam as pessoas negras
E10. Sim, pois me passou conhecimento a qual eu não tinha sobre o assunto
E11. Ajudou sim, me ajudando a entender que o racismo foi impregnado no senso das pessoas
E12. Não, não achei que me ajudou a compreender

Fonte: Pesquisa Direta, 2025.
Elaboração: Larissa Lira Rocha, 2025.

As respostas aqui se dividem, onde 8 dos estudantes afirmam que sim, a atividade contribuiu para ampliar ou reforçar seu entendimento sobre o racismo, destacando que a mesma ajudou a sensibilizar e provocar reflexões sobre a realidade da população negra. Outro, como o estudante de número 3, respondeu que já conhecia o tema e que a mesma não trouxe novidades.

Apesar dos comentários negativos de 3 estudantes, a atividade conseguiu cumprir sua função pedagógica, que é a de provocar, sensibilizar e gerar debate. O fato do estudante de número 3 já ter noções sobre o tema também é algo positivo, porque mostra experiências anteriores sobre o assunto e entendimento das questões sociais.

Além disso, ao promover momentos de reflexão crítica, a sala de aula atua como espaço de formação cidadã. A reflexão e crítica na atividade, permitiu aos estudantes refletirem sobre como o racismo afeta a população negra.

No que se refere a atividade 2, intitulada de "*Barrados no Baile: Se você cala, quem fala?*", a qual possui apenas 4 questões, foi criada com o objetivo de provocar nos estudantes uma reflexão sobre a discriminação racial, preconceito racial e racismo, os quais ainda existem na sociedade. Com perguntas abertas, os estudantes foram convidados a pensar sobre o que significa "ser barrado no baile", na tentativa de os estimular para ter um olhar sobre as barreiras invisíveis que pessoas negras enfrentam no seu cotidiano, seja no mercado de trabalho, na escola ou em outros locais. Vale salientar que ela serviu como material complementar sobre as reflexões anteriores, proporcionando uma discussão mais focada nos aspectos da discriminação racial, preconceito racial e racismo, que são essenciais para compreender as barreiras que dificultam o exercício pleno da cidadania por parte da população negra. Além disso, a atividade buscou explorar as experiências pessoais dos estudantes, ao os questionar sobre situações de exclusão que possam ter vivenciado ou presenciado.

Por fim, a atividade incentivou os estudantes a pensar em formas de combater o racismo e o preconceito, tanto na comunidade quanto no ambiente escolar. Quando se estimula ações concretas de enfrentamento, se busca não apenas conscientizar, mas também incentivar para que se tornem agentes ativos na luta pela igualdade racial. Esse processo de conscientização e ação é muito importante para o desenvolvimento da cidadania. Sendo assim, quase todas as questões foram respondidas pelos 12 estudantes, ficando apenas a questão 3 sendo respondida apenas por 11 estudantes.

A primeira questão da atividade 2 busca que os estudantes compreendam a ideia de que ser "barrado no baile" não significa apenas ser impedido de participar de uma festa, mas também simboliza ser ignorado da sociedade por fatores como a cor da pele, a origem e a aparência. Sendo assim, quando as pessoas são barradas de participar plenamente da sociedade, elas têm suas liberdades e direitos civis negados. No quadro 16 podemos observar a resposta dos estudantes.

Quadro 16 - Com base nas discussões realizadas em sala de aula, na sua perspectiva, o que significa 'ser barrado no baile'?

E1. Ser barrado por conta da cor, geralmente acontece isso.
E2. Significa ser excluído dos lugares onde vai, da sociedade ou de um grupo.
E3. "Somos barrados no baile só entra gente bonita", estão afirmando que os pretos são feios, pois ele foi barrado por ser negro.
E4. Porque ele é negro e é barrado no baile porque só aceitam gente "bonita".
E5. Significa que o homem estava falando que foi "barrado no baile", mas na verdade ele quis dizer que ele foi barrado no baile porque ele era negro e feio, e não podia entrar.
E6. Ser excluído ou ignorado por causa da sua cor.
E7. Por causa da cor da pessoa.
E8. Ser barrado no baile, para mim, significa ser barrado só por ser de outra cor ou cabelo e da própria sociedade.
E9. Barrados na sociedade, ser maltratado por cor ou raça.
E10. Ser tratado diferente/Não ser aceito pela cor de pele.
E11. Não entrar no baile pela cor de pele.
E12. Significa ser barrado na sociedade por conta da cor.

Fonte: Pesquisa Direta, 2025.
Elaboração: Larissa Lira Rocha, 2025.

Os 12 estudantes reconhecem que a expressão "ser barrado no baile" está diretamente ligada a cor da pele, compreendendo o racismo como fator de exclusão, enquanto 4 estudantes reconhecem que a expressão "ser barrado no baile" é mais ampla e não está somente se referindo a entrada na festa, mas também na participação da sociedade, que ocorre com base na aparência, especialmente em relação com a cor de pele. Essa reflexão é importante, pois demonstra como as pessoas negras frequentemente enfrentam barreiras de inclusão social, ou seja, o direito de

participar igualmente da sociedade sem sofrer discriminações baseadas em características físicas.

Dessa forma, os fazer refletir sobre isso é crucial para que os estudantes compreendam sobre como essas barreiras afetam o pleno exercício da cidadania, pois a mesma exige a participação e aceitação de todos os indivíduos.

A segunda pergunta da atividade 2 visa trazer sobre experiências pessoais dos estudantes, os aproximando da realidade vivida por pessoas negras. O objetivo da questão é investigar se houve uma mudança no entendimento dos estudantes sobre esse tipo de agressão, após a explicação sobre preconceito racial e discriminação racial.

Quadro 17 - Você já foi excluído de algum lugar devido a sua aparência ou origem?

E1. Não
E2. Não
E3. Não
E4. Sim, já fui observado em uma farmácia.
E5. Não.
E6. Não, pois nunca fui vítima de preconceito.
E7. Não.
E8. Sim, por várias vezes já me senti perseguido.
E9. Não.
E10. Não, só por rivalidade mesmo.
E11. Não
E12. Não

Fonte: Pesquisa Direta, 2025.
Elaboração: Larissa Lira Rocha, 2025.

Dos 12 estudantes que responderam, 10 relataram não ter sofrido uma experiência pessoal de exclusão. No entanto, o estudante número 4 menciona que sim, onde houve uma situação em que foi "observado", o que já mostra um tipo de preconceito racial sutil, muitas vezes manifestada por olhares, sem um afastamento físico direto, mas com um sentimento claro de não pertencimento.

Em contraste, o estudante de número 8 mencionou ter se sentido "perseguido" em várias situações. Esse tipo de resposta destaca o quanto o racismo pode se manifestar de diferentes maneiras, desde a discriminação mais explícita até a uma agressão “pequena”, um tipo de discriminação mais silenciosa, mas que é prejudicial. A falta de um relato de exclusão direta por parte dos estudantes, mais uma vez, pode sugerir que a experiência do racismo ainda é percebida de forma distante ou minimizada.

Diferente das respostas que surgiram na atividade, um relato específico de uma estudante durante o debate sobre o tema na aula nos mostrou a dimensão concreta do racismo no cotidiano. A estudante relatou que sua irmã foi discriminada pela família do namorado,

sendo alvo de ofensas verbais e humilhações apenas por ser negra. Segundo ela, a irmã foi tratada com desprezo e xingamentos, o que resultou não apenas no fim da relação, mas também em um forte abalo em sua autoestima e confiança social.

Esse episódio mostra que o racismo ultrapassa o âmbito público e atinge também as áreas privadas e afetivas, negando a essa população o direito básico de serem respeitadas em suas relações pessoais. Quando alguém é atacado em sua dignidade, como ocorreu com a irmã da estudante, se observa uma violação direta do exercício pleno da cidadania, que envolve não apenas acesso a direitos formais como saúde e educação, mas também o reconhecimento e o respeito no convívio social. A discriminação sofrida nesse contexto revela que o preconceito racial e a discriminação racial continuam a reproduzir exclusões profundas, afetando trajetórias individuais e mantendo a desigualdade.

A terceira questão da atividade 2 foi formulada com o intuito de entender como os estudantes percebem os impactos dos crimes de preconceito racial, discriminação racial e racismo na vida das pessoas negras, a questão busca uma reflexão da parte dos estudantes sobre os efeitos dessas ações na vida cotidiana.

Quadro 18 - Na sua opinião, como os crimes de preconceito racial, discriminação racial e racismo podem impactar a vida das pessoas negras?

E1. Ela pode ter ansiedade, depressão, autoestima baixa e etc.
E2. Através de pessoas negras acharem que são inferiores ou perder o emprego pelo racismo.
E3. Na psicológica, podem até se suicidar.
E4. Impacta na mente da pessoa e faz a pessoa se sentir excluída.
E5. Ela pode ter, por exemplo: depressão ou crise de ansiedade por alguém ter judiado ou falar alguma coisa que dói muito.
E6. Deixando as pessoas traumatizadas e estragando a vida delas.
E7. Causar uma depressão.
E8. Causando depressão, injustiças e falta de amor, além de exclusão da sociedade.
E9. Causa impacto ao sair de casa! Ao sair já é julgada, violentada e tratada como "bandido e etc".
E10. Impacta no dia a dia, também impacta na autoaceitação e na autoestima.
E11. Sim, pode impactar a vida de pessoas negras através da autoestima.

Fonte: Pesquisa Direta, 2025.
Elaboração: Larissa Lira Rocha, 2025.

A fala da estudante de número 9 mostra que, ao reconhecer o julgamento, a violência e a suspeita direcionadas a pessoas negras no espaço público, ela está praticando uma forma de cidadania crítica, ao identificar uma violação concreta de direitos que deveria ser combatida por todos.

O fato dela ter observado o tratamento como "bandido" só por sair de casa reflete um estereótipo racial muito forte que ainda existe na sociedade brasileira, onde a pessoa negra é frequentemente associada com a criminalidade, independentemente de seu comportamento ou

classe social. Esse tipo de preconceito não só impede o acesso a oportunidades profissionais, por exemplo, mas também afeta profundamente a saúde mental, criando um ciclo de exclusão.

Essa resposta é crucial para entender o impacto profundo que o racismo tem e como ele dificulta o exercício da cidadania. A vivência de ser tratada como "bandido" é uma crueldade, pois implica não apenas na violação de direitos, mas também na negação da dignidade humana.

A resposta do estudante 2, ao afirmar que as pessoas negras podem “achar que são inferiores” ou “perder o emprego pelo racismo”, destaca a realidade do racismo estrutural no mercado de trabalho, onde pessoas negras enfrentam dificuldades de acesso e crescimento profissional devido ao preconceito. Isso reflete a exclusão de uma parcela significativa da população negra das mesmas oportunidades que os brancos, impactando seu desenvolvimento e autoestima. Ao reconhecer essas dificuldades, o estudante demonstra uma percepção crítica da desigualdade racial**,** algo essencial para um cidadão consciente, onde ele consegue enxergar o problema e refletir sobre as injustiças que ainda existem na sociedade.

A quarta pergunta da atividade 2 propõe aos estudantes pensarem em estratégias e ações concretas para combater os crimes raciais no ambiente escolar e na comunidade em que vivem. Essa questão é importante porque, além de consolidar o conteúdo trabalhado em sala, incentiva um dos pilares da cidadania, que é a responsabilidade coletiva na construção de um espaço mais respeitoso e livre de preconceitos.

Quadro 19 - O que podemos fazer para combater os crimes raciais discutidos em sala de aula na nossa comunidade e no ambiente escolar?

E1. Fazer regras, sentar e conversar para mostrar o certo e o errado sobre o racismo.
E2. Conscientizar mais pessoas sobre a gravidade que é o racismo.
E3. A lei já existe, mas não acho que ela se aplique de forma correta.
E4. Dando uma penalidade a quem acaba fazendo essa injustiça.
E5. Devemos parar com isso, que não pode pessoas com cor preta entrar em alguns ambientes, devem parar com isso, até porque eles são seres humanos como a gente!
E6. Parar de sermos preconceituosos com as pessoas e evitar brincadeiras de mal gosto.
E7. Poderia fazer uma palestra sobre racismo, vídeos.
E8. Denunciar qualquer tipo de ação de racismo.
E9. Incluir pessoas negras e respeitar de forma correta e segundo a lei, fazendo punições para o preconceito.
E10. Colocar na cabeça que devemos nos colocar no lugar do outro. Dando palestras e colocando punições de alto nível.
E11. Punições severas e mais leis.
E12. Projetos, campanhas, palestras, etc.

Fonte: Pesquisa Direta, 2025.
Elaboração: Larissa Lira Rocha, 2025.

Dos 12 estudantes que responderam, 11 mostram uma compreensão de que é necessário agir de forma consciente e ativa para combater o racismo, seja por meio de conscientização,

punição para quem discriminar ou através de campanhas educativas. Os estudantes sugerem ações como palestras, denúncias, regras e conscientização sobre o problema. Algumas respostas sugerem até a necessidade de punições mais severas, como pontua o estudante de número 11, o que mostra uma consciência de que é preciso combater esse tipo de situação não apenas com palavras, mas com ações e medidas legais.

Além disso, as sugestões de criar campanhas educativas e sensibilizar mais pessoas sobre o assunto, como os estudantes de número 7, 10 e 12 responderam, demonstra que os estudantes estão se tornando conscientes da importância da educação como ferramenta de mudança. Isso também é uma forma de cidadania ativa. Portanto, as sugestões dos estudantes para o combater a esse tipo de episódio são passos importantes para uma cidadania comprometida com a ideia de mudança.

No que diz respeito ao questionário 2, o mesmo visa verificar o que os estudantes realmente compreenderam a respeito dos temas abordados, como preconceito racial, discriminação racial e racismo, além de indagar sobre suas opiniões acerca dos assuntos, servindo como mais um apoio de análise sobre o que eles conseguiram absorver durante as intervenções pedagógicas realizadas. Nesse segundo questionário 12 estudantes responderam, entretanto, na primeira questão apenas 8 responderam, na segunda 10 responderam, na terceira, na quarta e quinta questão somente 11 responderam.

Na primeira pergunta do questionário 2, o objetivo dela foi observar se os estudantes diferenciam os três conceitos principais abordados: preconceito racial, discriminação racial e racismo. A ideia é verificar se a reflexão na atividade anterior conseguiu mostrar essas diferenças de conceitos e a aplicação de exemplos do cotidiano.

Quadro 20 - Na sua opinião, o que você compreende por preconceito racial? Por discriminação racial? E racismo? Dê exemplos para cada um.

E1. Preconceito racial é os pensamentos negativos, como uma pessoa de pele escura entre em uma loja e já pensam que a pessoa vai roubar. Discriminação racial é a ação injusta, onde a pessoa sai de perto de uma pessoa negra, por exemplo e o racismo é a estrutura que sustenta os dois, como fazer piadas com pessoas negras.
E2. Preconceito racial é aquele que idealiza que a pessoa seja um bandido só pela cor, racismo é a estrutura que se estende aos outros e discriminação racial é a ação injusta, como ser barrado em lugares somente pela cor da pele.
E3. Preconceito racial julga no olhar, discriminação racial não só julga nos pensamentos, mas começa a agir, realizar ações e racismo é rebaixar alguém por ser branca e se colocar no altar, agir com violência, incentivar a humilhar e etc.
E4. Preconceito racial é você ignorar alguém só por sua cor de pele, discriminação racial seria ações e mal trato por raça e racismo é bullying pela cor
E5. Que o preconceito racial é um preconceito que julga as pessoas, a discriminação racial tende a fazer uma ação contra as pessoas e o racismo é um preconceito relacionado a raça e a cultura da pessoa.

E6. Preconceito racial é quando estou perto de uma pessoa negra e pensar que ela pode me roubar, discriminação racial é quando tem uma pessoa negra do meu lado e eu saio e racismo é quando alguém faz piada.
E7. O preconceito racial é você julgar alguém pela cor, a discriminação é por ação e o racismo é tudo junto.
E8. Preconceito racial é o pré-conceito, você achar que alguém é algo pela cor, discriminação racial é o ato, como perseguir alguém e racismo é o preconceito pela cor ou etnia.

Fonte: Pesquisa Direta, 2025.
Elaboração: Larissa Lira Rocha, 2025.

Dos 8 estudantes que responderam, 5 demonstraram capacidade de diferenciar os três termos, apesar de respostas razoavelmente corretas e simples. Eles entendem "preconceito racial" como ideia antes de conhecer o indivíduo, ou seja, julgamento prévio, "discriminação racial" como uma ação de exclusão ou injustiça e "racismo" como algo mais amplo, estrutural, que está presente nas relações sociais.

A diferenciação feita pelos estudantes é significativa porque revela um passo importante na formação de uma consciência racial crítica, isto é, a compreensão de que o racismo não se restringe a ofensas ou atitudes individuais, mas está enraizado nas estruturas sociais, nos sistemas de poder, nas instituições do Estado e nas práticas do dia a dia, por exemplo.

Na segunda pergunta do questionário 2, foi mais uma vez investigado se os estudantes conseguem relacionar a experiência narrada na música com vivências reais, tanto suas ou de outras pessoas. O que foi interessante, é que se observou mais exemplos e que eles se sentiram mais confortáveis em compartilhar essas situações, assim como podemos ver no quadro 21.

Quadro 21 - A música "Barrados no Baile" relata uma experiência de exclusão. Você já presenciou ou ouviu falar de situações semelhantes? Como isso pode impactar a vítima?

E1. Não
E2. Não, pode impactar na confiança
E3. Sim, faz com que ela se sinta excluída, se sinta diferente.
E4. Não, causando falta de amor próprio
E5. Sim, a pessoa fica com trauma
E6. Sim, uma garota negra estava indo em um restaurante acompanhada de sua família que era branca, a garota foi expulsa do restaurante por pensarem que era das ruas. A garota deve ter ficado traumatizada assim como sua família.
E7. Já vi, um homem salvando a filha do cara, mas ele pensou que ele queria pegar sua filha, só porque ele era preto, mas o homem salvou a vida da filha dele porque ia ser atropelada.
E8. Sim, pode impactar de várias formas.
E9. Sim, traumas e medo
E10. Já sim, em alguns lugares que eu já fui, já vi muitas pessoas negras sofrer racismo por conta da cor e isso afeta a vítima porque só acontece com pessoas negras e nunca brancas.

Fonte: Pesquisa Direta, 2025.
Elaboração: Larissa Lira Rocha, 2025.

Dos 10 que responderam, 7 estudantes salientaram já ter presenciado ou conhecido pessoas que passaram por situações similares, ou seja, proibição de entrada em espaços de lazer,

desconfiança e entre outros. As respostas, como o estudante de número 2, 3 e 9 também destacaram que a vítima que sofre com esse tipo de comportamento pode ter sentimentos de medo, ter sua confiança afetada e sentimentos de não pertencimento. Se observa também, que três dos estudantes, como os de número 6, 7 e 10, já se sentiram mais confiantes para compartilhar situações que já presenciaram.

Esses relatos apontam para o racismo estrutural, discriminação racial e preconceito racial, que pode operar de forma silenciosa, simbólica e, muitas vezes, naturalizada, como quando uma pessoa negra é seguida em um shopping ou barrada em um ambiente elitizado. Se a cidadania exige reconhecimento, respeito e acesso igualitário, então situações como essas representam uma cidadania fragmentada. Um cidadão que não se sente livre para circular, existir e ser respeitado em sua identidade é, na prática, um sujeito de direitos parciais.

Na terceira pergunta do questionário 2, o objetivo dela estava em avaliar a percepção crítica dos estudantes sobre a eficácia das políticas públicas e do sistema legal no enfrentamento ao racismo.

Quadro 22 - Você acha que leis e políticas públicas são suficientes para combater o racismo? Por quê?

E1. Não, a sociedade sempre viola as leis.
E2. Não, acho que se as leis e as políticas realmente funcionassem não existia racismo
E3. Não, pois se não o racismo teria acabado a muito tempo. O problema está nas pessoas, a lei ajuda, mas não acaba!
E4. Não, pois infelizmente a lei é muito falha e não cumpre por suas obrigações
E5. Sim, porque as pessoas aprendem mais e para de praticar isso.
E6. Não, pois mesmo com as diversas leis, o preconceito ainda é muito presente na sociedade.
E7. Não acho, porque elas não são o suficiente para combater, devemos tomar atitude!
E8. Não, porque várias pessoas cometem isso e não dá em nada nunca
E9. Não, acho que poderia ser mais pesada.
E10. Não, as punições deveriam ser mais severas e ter mais políticas públicas
E11. Não, não acho suficiente, porque até hoje em dia policiais estão agredindo trabalhadores negros.

Fonte: Pesquisa Direta, 2025.
Elaboração: Larissa Lira Rocha, 2025.

Se observa que a resposta predominante foi "não", onde de 11 estudantes, 10 discordaram sobre o assunto. Os estudantes entendem que, embora existam leis, elas são pouco aplicadas, não produzem mudanças reais e não são acompanhadas de políticas educativas que são verdadeiramente efetivas.

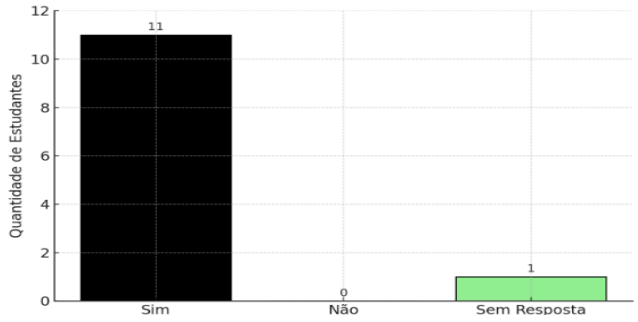
Essa observação é extremamente relevante, pois nos mostra que os mesmos tem consciência de que mesmo ainda existindo tantas leis para o combate ao racismo, o racismo estrutural ainda é muito forte na nossa sociedade, pois mesmo que a Constituição Brasileira de

1988 garanta igualdade e o criminaliza, isso não quer dizer, necessariamente, uma garantia de que a vítima está imune a essa prática.

Além disso, as respostas também revelam uma compreensão de que a lei sozinha não transforma a cultura, não se desfaz do racismo estrutural. Sendo assim, é necessário uma educação antirracista, políticas afirmativas eficazes, responsabilização institucional e mudança na mentalidade social. É necessário mais do que leis no papel, se precisa de reconhecimento político e social, reparação histórica e transformação das estruturas.

Na quarta pergunta do questionário 2, o intuito dela foi entender o impacto emocional e reflexivo das atividades trabalhadas, verificando se elas contribuíram para o engajamento e o aprendizado dos estudantes, afim de buscar saber se os mesmos conseguiram entender a importância do tema. Dessa forma, ela foi formulada como uma questão mista, pois apresenta uma estrutura fechada, em que os estudantes marcam “sim” ou “não”, seguida de um campo aberto para justificarem suas respostas. Segue o gráfico 2 com as respostas da quarta pergunta do questionário 2.

Gráfico 2 - Opinião dos estudantes sobre as atividades.



Fonte: Pesquisa Direta, 2025.
Elaboração: Larissa Lira Rocha, 2025.

Todos os 11 estudantes que responderam afirmaram ter gostado das atividades, mas o mais relevante está nos motivos apresentados, que revelam uma noção crítica e sensível ao tema, além de uma valorização do conteúdo abordado, no quadro 23 é mostrado os motivos que os mesmos apresentaram de ter gostado das atividades.

Quadro 23 - Você gostou das atividades intituladas de “Existe Racismo no Brasil?” e “Barrados no Baile: se você cala, quem fala”? Por quê?

E1. Porque através das músicas aprendemos mais sobre a realidade das pessoas negras
E2. Porque nos lembra e ressalta a importância de se colocar no lugar do outro
E3. Porque conta uma verdade que muitos passam e é dolorido saber que te julgam apenas pela cor ou que te perseguem e é preciso de coragem pra combater isso no dia a dia
E4. Pois me fizeram enxergar coisas pela qual eu não ligaria
E5. Porque mostra a história do povo negro

E6. Pois me ajudaram a refletir e compreender a situação do racismo que é e sempre foi um crime grave na sociedade.
E7. Porque elas estão falando da vida de uma pessoa negra e isso que aconteceu com eles podem acontecer com qualquer um negro
E8. Porque conta a realidade em que vivemos.
E9. Conseguimos enxergar o sofrimento de outras pessoas através da música
E10. Porque acho necessário para melhor compreensão desse assunto tão importante
E11. Porque mostra a realidade de algumas pessoas pretas ou morenas

Fonte: Pesquisa Direta, 2025.
Elaboração: Larissa Lira Rocha, 2025.

O estudante de número 1, por exemplo, apontou que as músicas apresentadas nas duas atividades revelam a realidade vivida pelas pessoas negras, ou seja, isso é fundamental para que eles tenham o conhecimento de como a sociedade pode ser cruel e extremamente excludente com a população negra, onde suas dores precisam ser vistas e reconhecidas. Ao observamos o quadro 23, podemos ver que o estudante de número 9 afirmou que as músicas trabalhadas nas atividades “nos fazem enxergar o sofrimento de outras pessoas”, o que demonstra uma capacidade empática e reflexiva. Essa empatia é uma habilidade muito importante quando nos referirmos sobre combater práticas racistas.

O estudante de número 4 relatou que passou a enxergar situações que antes não percebiam, onde ele diz que “me fizeram enxergar coisas pelas quais eu não ligaria”. Essa resposta indica que as atividades provocaram uma mudança de consciência, rompendo com a indiferença, que é um grande obstáculo.

Além disso, 2 estudantes associaram as atividades com a compreensão histórica e social da luta da população negra, como o estudante de número 5, que diz “mostra a história do povo negro” ou o estudante de número 8 que respondeu “conta a realidade em que vivemos”. Isso reforça que a educação, quando em conjunto com a cultura, pode ser uma poderosa ferramenta de conscientização crítica.

Outros 2 estudantes também destacou a importância das atividades para o combate ao racismo, como bem pontua o estudante de número 10, onde ele respondeu que “é necessário para melhor compreensão desse assunto tão importante” ou como o estudante de número 6, onde ele coloca que elas “ajudaram a refletir”. Esses relatos mostram que eles compreenderam a importância de falar sobre a temática, o que deixa claro uma busca de amadurecimento sobre o assunto.

Por fim, na última pergunta do questionário 2, a mesma buscou discutir a compreensão do conteúdo a partir da música e verificar se a atividade contribuiu para a construção de uma compreensão mais profunda sobre preconceito racial.

Quadro 24 - A atividade da música "Barrados no Baile" ajudou você a compreender o preconceito racial? De que forma?

E1. Sim, através das atividades e música
E2. Não, apenas ressaltou o que eu já sabia
E3. Sim, da forma de que não deve julgar, mesmo que só nos pensamentos.
E4. Sim, a partir da explicação dada pela professora!
E5. Sim, para eu não fazer com ninguém e isso é muito sério.
E6. Sim, ao me fazer perceber que preconceito racial está relacionado a julgar as pessoas por causa da sua cor
E7. Sim, da forma que ele fala que o homem não o deixou entrar porque ele era negro
E8. Sim, pois me fez perceber que pode ocorrer de forma discreta
E9. Sim, eu pude perceber que o preconceito afeta em todas as áreas da vida de quem é negro
E10. Sim, através da crítica social que a letra traz
E11. Sim, porque as letras das músicas mostram bastante a realidade.

Fonte: Pesquisa Direta, 2025.
Elaboração: Larissa Lira Rocha, 2025.

Essa questão foi essencial para discutir o impacto direto da atividade no processo de aprendizagem e reflexão crítica dos estudantes sobre o preconceito racial. Ao pedir que explicassem de que forma a música os ajudou, a questão se propôs não apenas a captar uma resposta afirmativa ou negativa, mas também a compreender os caminhos pelos quais esse aprendizado ocorreu, nos revelando quais foram as percepções de cada estudante.

Dos 11 estudantes que responderam, 10 afirmaram que compreenderam melhor o preconceito racial. O estudante de número 6, por exemplo, consegue afirmar e mostrar sua compreensão do conceito. No caso do estudante de número 9, que respondeu "Sim, eu pude perceber que o preconceito afeta em todas as áreas da vida de quem é negro", nos indica uma internalização significativa do conteúdo discutido em sala. Isso mostra que a atividade não apenas explicou conceitos, mas também provocou empatia e reflexão crítica, os levando a associarem a música com situações reais, inclusive do seu cotidiano ou de pessoas próximas.

Outro ponto importante a se destacar é que alguns estudantes demonstraram já ter um conhecimento prévio sobre o tema, como no caso do estudante de número 2, que respondeu "Não, apenas ressaltou o que eu já sabia". Isso também é valioso, pois mostra que o processo educativo precisa considerar diferentes níveis de consciência dos estudantes.

Do ponto de vista da cidadania, essa questão é central. A capacidade de reconhecer o preconceito racial, entender seus impactos e desenvolver sensibilidade diante dessas situações é de extrema importância para se conseguir formar sujeitos que consigam ser conscientes, éticos e participativos.

Além disso, ao associarem suas compreensões por meio da música, os estudantes praticaram uma forma de educação racial e também cultural, onde a educação não fica apenas na informação, mas também na conscientização.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho demonstrou que foi possível desenvolver atividades que auxiliaram na reflexão crítica dos estudantes sobre o racismo e o preconceito. A aplicação das atividades em sala de aula também trouxe contribuições importantes para compreender as percepções dos estudantes. Os resultados obtidos mostraram que os mesmos, em sua maioria, reconhecem a existência do racismo e entendem como ele afeta a vida da população negra. Através dos questionários e atividades, foi possível perceber a ampliação da consciência crítica dos mesmos acerca da desigualdade racial e da importância de práticas antirracistas no cotidiano. Esses resultados mostram diretamente como é importante o Ensino da Geografia na formação de sujeitos mais críticos e engajados socialmente, isto é, contribuindo como cidadãos críticos e ativos sobre a problemática exposta.

Entretanto, é importante salientar que o alcance dos resultados poderia ter sido ainda maior, caso houvesse mais tempo para o aprofundamento dos debates e para a aplicação de outras metodologias, como rodas de conversa e atividades culturais que envolvessem a temática do racismo e da cidadania. Dessa forma, é notável que a escola possui um papel fundamental na luta contra o racismo e na promoção da cidadania, e que o ensino da Geografia, ao reconhecer as desigualdades e as marcas do racismo no espaço geográfico, contribui de maneira significativa para a formação de uma sociedade mais justa.

Se observou, ainda, que apesar de muitos estudantes demonstrarem reconhecer a existência do racismo, algumas respostas indicaram que práticas racistas naturalizadas ainda são vistas como comuns por parte deles, o que revela uma dificuldade em identificar essas ações no cotidiano. Esse aspecto evidencia o quanto o racismo estrutural está enraizado socialmente, tornando necessário ampliar os debates e as reflexões no ambiente escolar.

Entretanto, se olharmos por outro lado, também foi possível perceber que, a partir das discussões realizadas, alguns estudantes conseguiram "abrir os olhos" e compreender melhor a importância de falar sobre o racismo, reconhecendo que o silêncio sobre essas questões apenas ajuda na continuação das injustiças. Dessa forma, se nota que é essencial continuar trabalhando essas abordagens nas aulas de Geografia, pois para enfrentar uma sociedade racista é preciso investir em uma educação antirracista, o que se alinha com a prática da cidadania em uma sociedade democrática.

7. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. **O que é racismo estrutural?**. 1. ed. Belo Horizonte: Letramento, 2018. 204 p.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988**. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2016. 496 p.

BRASIL. **Decreto nº 65.810, de 8 de dezembro de 1984**. Promulga a convenção internacional sobre eliminação de todas as formas de discriminação racial. Brasília: Presidência da República, 1984. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1950-1969/d65810.html. Acesso em: 28 abr. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: MEC, 2018.

CALLAI, H. C. *et al.* O ensino de geografia nos trabalhos apresentados no XI ENANPEGE. **Revista da ANPEGE**, Mato Grosso do Sul , v. 12, n. 18, p. 43-55, jul. 2016.

CORRÊA, J. *et al.* **Ser protagonista:** Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. 1. ed. São Paulo: Edições SM, 2020.

FLICK, U. **Uma introdução a pesquisa qualitativa**. 2. ed. Porto Alegre. Bookman, 2004. 312 p.

GADOTTI, M. Educação para e pela cidadania. *In*: RATTNER, H. (org.). **Brasil no limiar do século XXI:** alternativas para a construção de uma sociedade sustentável. São Paulo: Edusp, 2000. p. 287-307.

GEAQUINTO, W. S. **Cidadania, o direito de ser feliz**: Iguais e desiguais até quando. 3. ed. São Paulo: Editora Biblioteca 24 horas. 2015. 73 p.

GELEDÉS, Instituto da Mulher Negra; CFEMEA, Centro Feminista de Estudos e Assessoria. **Racismo Institucional:** uma abordagem conceitual. Porto Alegre: Trama Design, 2013. 54 p. Disponível em: https://bibliotecadigital.mdh.gov.br/jspui/bitstream/192/6663/1/FINAL-WEB-Racismo-Institucional-uma-abordagem-conceitual.pdf. Acesso em: 28 abr. 2025.

HOOKS, B. **Ensinando pensamento crítico:** sabedoria prática. 1. ed. São Paulo: Editora Elefante, 2020. 294 p.

MOORE, C. W. A humanidade contra si mesma para uma nova interpretação epistemológica do racismo e de seu papel estruturante na história e no mundo contemporâneo. *In*: FÓRUM INTERNACIONAL AFRO-COLOMBIANO, 1., 2011, Bogotá. **Anais [...]**. Bogotá: UFSM, 2011. p. 1-23.

MUNANGA, K. (org.). **Superando o racismo na escola**. 2. ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretária de Educação continuada, alfabetização e diversidade, 2005. 204 p.

NOGUEIRA, O. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. **Revista Tempo Social**, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 287-308, mar. 2025.

SANTOS, M. F. P. VILAR, E. T. F. S. Quando a escola é contexto para apre(e)nder na/desde a prática de ensino. *In:* MARTINS, R. E. M. W.; TONINI, I. M.; COSTELLA, R. Z. (orgs.). **Geografias Interativas**. Florianópolis: UDESC, 2020. p. 217-231.

8. APÊNDICES

Apêndice A – questionário 1: racismo.

1. O que você entende por racismo estrutural?
   _____
   _____
   _____
   _____
2. Você já presenciou ou sofreu racismo estrutural?
   _____
   _____
   _____
   _____
3. A música "A Carne" retrata uma realidade sobre a população negra no Brasil. Quais aspectos dessa realidade você percebe atualmente?
   _____
   _____
   _____
   _____
4. Você acha que o racismo pode afetar as oportunidades e a qualidade de vida das pessoas negras? Se sim, de que forma?
   _____
   _____
   _____
   _____
5. Como a mídia pode influenciar na perpetuação ou no combate ao racismo na sociedade? Dê exemplos.
   _____
   _____
   _____
   _____
6. A atividade “Existe racismo no Brasil?” ajudou você a compreender o racismo? De que forma?
   _____
   _____
   _____
   _____

Apêndice B – questionário 2: preconceito e discriminação racial.

1. Na sua opinião, o que você compreende por preconceito racial? Por discriminação racial? E racismo? Dê exemplos para cada um.

_____
_____
_____
_____

2. A música "Barrados no Baile" relata uma experiência de exclusão. Você já presenciou ou ouviu falar de situações semelhantes? Como isso pode impactar a vítima?

_____
_____
_____
_____

3. Você acha que leis e políticas públicas são suficientes para combater o racismo? Por quê?

_____
_____
_____
_____

4. Você gostou das atividades intituladas de “Existe Racismo no Brasil?” e “Barrados no Baile: se você cala, quem fala”? Por quê?

( ) Sim, por quê?

_____
_____
_____

( ) Não, por quê?

_____
_____
_____

5. A atividade da música “Barrados no Baile” ajudou você a compreender o preconceito racial? De que forma?

_____
_____
_____
_____